

**BLANQUINDA
GORTÁZAR
NADA TENHO DE MEU
TERESA CALÇADA**

Nem a arte nem a literatura têm de nos dar lições de moral. Somos nós que temos de nos salvar, e isso só é possível com uma postura de cidadania ética, ainda que possa soar a antiga e anacrónica.

José Saramago

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway
Terreiro do Paço
(Linha azul
Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746,
759, 774,
781, 782, 783, 794

ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US
Rua dos Bacalhoiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

JORNALISMO E DEMOCRACIA

No seu espaço habitual de opinião no diário *Público*, o jornalista José Vítor Malheiros reflete sobre o esvaziamento do jornalismo e a sua substituição, sem proveito para leitores e cidadãos, por uma miríade de discursos mais ou menos especializados e pelo discurso humorístico, por vezes mais informado. Referindo o governo de Margaret Thatcher como ponto inicial deste esvaziamento (por algum motivo a primeira ministra inglesa era conhecida por TINA, «There Is No Alternative»), José Vítor Malheiros traça um quadro negro dos dias que vivemos hoje: «O jornalismo costumava fazer-nos poupar tempo mas deixou de o fazer. O que o grosso do jornalismo hoje nos oferece (e a televisão tem aqui o principal papel) não é mais do que a repetição de um discurso hegemónico, de carácter propagandístico, de direita (defensor da desigualdade), que nos repete que não há alternativa (TINA) ao crescimento da pobreza,

à desigualdade, ao enriquecimento dos mais ricos, à destruição do estado social, à degradação do trabalho, à exclusão dos pobres. Isto não significa que a função de *fact checking* do discurso do poder não seja feita (esporadicamente) por alguns jornalistas e órgãos de imprensa, mas significa que essa função é silenciada por uma enxurrada de propaganda, que os media repetem, com a desculpa de que estão “a citar o primeiro-ministro” ou outra semelhante e com o argumento (verdadeiro) de que não possuem meios para verificar tudo o que o homem diz.»

Jornalismo ►

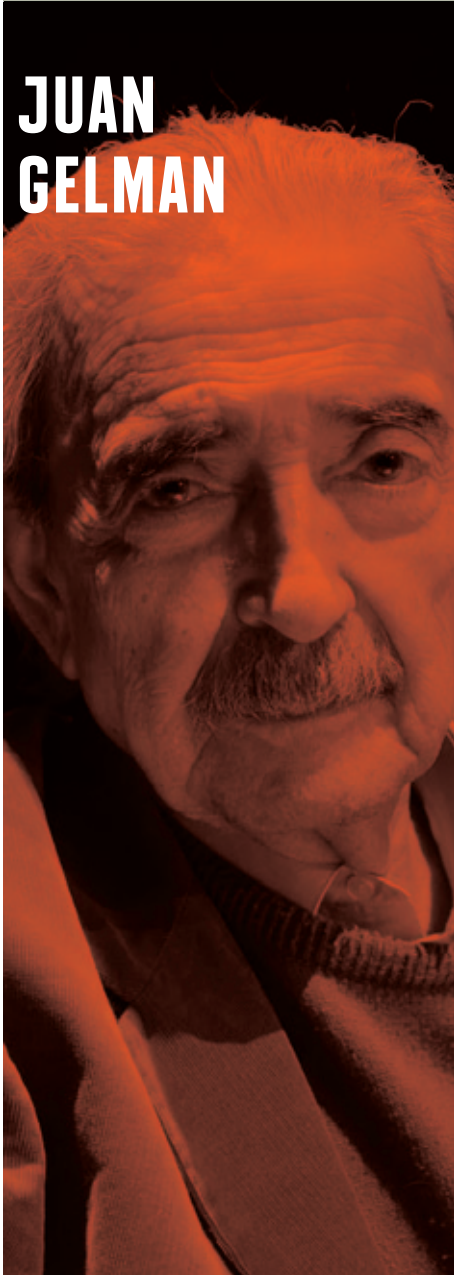


ESTUDOS PESSOANOS

O quarto número da revista *Pessoa Plural*, editada conjuntamente pelas Brown University, Warwick University e Universidad de Los Andes, já circula pela internet. A publicação dedicada aos estudos pessoanos conta um texto de Eduardo Lourenço, «De Pessoa como Pura Virtualidade», com três textos sobre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, assinados por Alexandrino E. Severino e Hubert D. Jennings, George Monteiro e Jeronimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardillo, para além de estudos sobre Bernardo Soares, as relações entre Pessoa e James Joyce e sobre Mário de Sá- Carneiro. A revista *Pessoa Plural* é gratuita, podendo ser descarregada em PDF.

Pessoa ►

JUAN GELMAN



UM ADEUS A DOIS POETAS

O mês de janeiro foi de grande tristeza para a literatura. Dois dos maiores poetas latino-americanos de todos os tempos morreram em um intervalo de menos de duas semanas. Primeiro foi Juan Gelman, que no dia 14 de janeiro faleceu aos 83 anos na Cidade do México, país que adotou como seu após ter que exilar-se de sua Argentina. Gelman, Prêmio Cervantes de 2007, teve a vida marcada pelo brutal «desaparecimento» – eufemismo para falar dos assassinatos praticados pela ditadura militar argentina – de seu filho e sua nora, que estava grávida. No ano 2000, o poeta por fim encontrou a neta que havia sido retirada da mãe logo ao nascer e fora criada no Uruguai. Todos esses anos de exílio, essas perdas e o reencontro estão refletidos em sua poesia. A morte de Gelman foi assunto em todo o mundo, em especial na América Latina. Na Argentina, o *Página 12* reservou a capa do dia 15 ao poeta e reuniu emotivos textos (como o de Mempo Giardinelli) de despedidas. O *Clarín* dedicou as 27 páginas da sua revista cultural *Ñ* ao «poeta do

JOSÉ EMILIO PACHECO



compromisso e da ternura». São artigos que mapeiam a vida e a obra do escritor, e que servem como uma merecida homenagem a esse elegante – na palavra e na vida – homem das letras.

A segunda perda do mês foi a de José Emilio Pacheco, amigo e vizinho de Gelman no bairro Colonia Condesa, na capital mexicana. O poeta mexicano faleceu no dia 26 de janeiro, aos 74 anos, apenas doze dias depois do colega argentino. Também Prêmio Cervantes (de 2009), Pacheco era conhecido como uma pessoa simples, generosa e avessa às homenagens, e senhor de uma poética que chegava a toda gente. O diário *La Jornada* reservou o seu suplemento semanal praticamente todo para celebrar e despedir-se do poeta, e também falar do seu rico legado. «Pacheco fue, además, un profundo conocedor de la historia. Muchos de sus “Inventarios” son lecciones de sensibilidad y de conocimiento sobre nuestro pasado», anotou Juan Domingo Argüelles.

Página 12 ►
Clarín ►
La Jornada ►

JUSTIÇA E MEMÓRIA

Entre 1937 e 1957, cerca de 4500 pessoas foram fuziladas pela Guardia Civil franquista ou pelos falangistas na zona de Málaga. Os corpos dessas vítimas do regime, tal como aconteceu em muitas outras localidades espanholas, foram deixados em valas comuns, sem que os familiares soubessem do seu paradeiro e, em muitos casos, sem que pudessem confirmar a sua morte. Setenta e cinco anos

passados sobre o fim da Guerra Civil de Espanha, e quase quarenta depois da chegada da democracia, a justiça possível chegou, finalmente, para os que caíram e para as suas famílias. Num texto publicado em *El Diario.es*, Néstor Cenizo acompanha a inauguração do memorial contendo os nomes dos homens e mulheres assassinados pelo franquismo em Málaga: «“Se puede morir por las ideas, pero

nunca matar por ellas. La ciudad de Málaga en memoria de aquellos que perdieron su vida en defensa de la libertad y la democracia, cuyos restos reposan en este panteón y otros lugares”, se lee en la inscripción que corona la pirámide. Es una frase de Melchor Rodríguez, el Ángel Rojo de quien se dice que, como delegado de prisiones de la república, frenó a la turba de linchar a un millar de presos franquistas

en Madrid. “No ha habido odio ni rencor ni revanchismo. Nuestra reivindicación era de justicia. No se puede vivir sin memoria”, dijo luego Francisco Espinosa. El 11 de enero de 2013, la memoria quedó grabada en piedra en lugar donde durante tanto tiempo no pudieron reposar las víctimas.»

Guerra Civil ►



Leituras do Mês

W. C. **MARIETTE TOSEL** **MMMNNRRRG**

Ao segundo livro, Mariette Tosel volta a espicaçar com estilete e raiva ponderada certas assunções coletivas sobre a instituição do casamento e sobre as relações de poder, dentro e fora do universo conjugal. À semelhança de *O Armário Psíquico/Boas Maneiras* (Edições Eterogêmeas, 2008), também este *W. C.* se compõe de narrativas curtas (neste caso, três), estruturadas numa sequência de vinhetas a preto e branco, na página da direita, e textos alusivos, na da esquerda. A correspondência entre texto e imagem não é literal, nem sequer ilustrativa no sentido mais chão do termo, mas antes desafiadora das leituras potenciais de cada vinheta.

No título, a primeira leitura remete para a escatologia associada à sigla universal que indica a casa de banho, local de limpeza como de expulsão inevitável do que já não interessa, mas a folha de rosto esclarece que se trata das iniciais de *Wonderful Choice* («Escolha Maravilhosa») e esse esclarecimento é já uma delimitação para o que se guarda nestas páginas, nomeadamente na primeira narrativa,

de onde se retira o título do volume. A escolha remete para a conjugalidade e todos os lugares-comuns associados, da imprescindibilidade da procriação ao cuidado da casa, sempre com os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher bem afirmados. Na segunda e na terceira narrativas, o tema e a semântica de *Wonderful Choice* declinam-se em reflexões irónicas, por vezes amargas, sobre as interferências na vida alheia, a vox populi que supostamente decide o que pode e não pode fazer-se, mas igualmente sobre o poder, a ilusão de uma carreira tão alinhada por um certo discurso de sucesso e mérito que não deixa de fazer lembrar os constantes elogios ao 'empreendedorismo' propagados pelos atuais governantes como panaceia para a crise económica e social que se vai espalhando.

Mariette Tosel, pintora e argumentista belga nascida em 1957, não dá tréguas ao modelo social dos afetos que se julgaria em decadência, mas que notícias, legislação e sentenças de grandes líderes ou figuras televisivas (já serão a mesma coisa?) voltam, recorrentemente, a trazer para o centro da comunidade. Não há aqui qualquer desprezo pelas escolhas conscientes de quem decide, sem pressões ou cedências,

viver a vida ao lado de outra pessoa, mas antes um dismantelar impiedoso dos modelos impostos por uma sociedade que se afirma moderna nos programas de entretenimento, liberal nas aparições públicas, mas que acaba por não conseguir livrar-se do ar bafiento que os velhos conceitos de família, afeto e trabalho ainda fazem circular. Que Mariette Tosel seja um dos heterónimos de Tiago Manuel, pintor português, contemporâneo e tudo, não retirará nenhum dos méritos deste livrinho de bolso com pólvora dentro, mas saber que assim é pode enquadrar a leitura de *W. C.* no projeto mais vasto (e com várias obras já publicadas) deste autor, a criação de 50 heterónimos, cada qual com as suas inquietações, o seu traço e os seus modos de olhar o mundo.

Fica a referência, sem que isso retire à leitura individual de Mariette Tosel nenhuma das qualidades.



C E S R E A

UMA REVISTA
TRIMESTRAL DE LITERATURA
EXCLUSIVAMENTE NA
APPLE STORE POR US\$ 1, 99

O SEGUNDO NÚMERO A PARTIR DE 17.02.14



PAULO VARELA GOMES

HOTEL

TINTA DA CHINA

Sucedendo a *O Verão de 2012*, publicado no ano passado, o novo romance de Paulo Varela Gomes tem a sua ação centrada num hotel, um velho palacete comprado por Joaquim Heliodoro e transformado para acolher hóspedes. Nesse epicentro decorrem as histórias que marcaram o passado do edifício, cruzando-se com as que a vida de Joaquim guarda com um certo mistério e com aquelas que para ali serão levadas pelos hóspedes, cada um suportando a sua bagagem para além das malas e dos sacos que transportam.



LISE MÉLINAND

O CARRINHO DA MADAME MISÉRIA

COSAC NAIFY

Todos os temas podem ser temas infantis. E muitos começam agora a aparecer timidamente. A ilustradora francesa Lise Mélinand estreia-se na escrita com este álbum que segue uma mulher sem abrigo num quotidiano duro e paradoxalmente poético. Acompanhar Madame Miséria significa assistir à sua força, à sua ira, à sua doçura. E reparar, com ela e por ela, na humanidade que existe na desumanização. Para as crianças, quanto mais cedo, melhor.



CONDORCET

REFLEXÕES SOBRE A ESCRAVIDÃO DOS NEGROS

ANTÍGONA

Originalmente publicado em 1781, um documento de Condorcet denunciando a escravatura e defendendo a igualdade entre seres humanos abalou o conforto do pensamento dominante. A este que é um dos textos fundadores daquilo a que chamamos humanismo juntam-se, na tradução de João Tiago Proença, outros dois textos do autor: «Ao Corpo Eleitoral, contra a Escravidão dos Negros» e «Sobre a Admissão de Deputados dos Plantadores de São Domingos à Assembleia Nacional».



JOHN BOYNE

TORMENTO

SEGUINTE/ COMPANHIA DAS LETRAS

Originalmente lançado no Reino Unido em 2009, *Dare* chega agora ao Brasil. John Boyne mantém o mesmo registo simples, quase incompleto, na abordagem ao drama familiar. Desta vez a curta novela conta o que acontece à família de Danny, depois de a mãe atropelar uma criança que fica em coma no hospital. A culpa da mãe e o aparecimento da irmã da vítima serão o mote dramático da narrativa.



ANA CRISTINA CÉSAR
POÉTICA
COMPANHIA DAS LETRAS

Pela primeira vez, um único volume reúne a obra completa de Ana Cristina César, poeta brasileira falecida em 1983, aos 31 anos, cuja herança continua notoriamente viva na poesia contemporânea do Brasil. O volume, editado pelo também poeta Armando Freitas Filho, inclui poemas inéditos, livros há muito descatalogados e outras raridades bibliográficas. À obra da autora junta-se um posfácio de Viviana Bosi e um anexo extenso e detalhado sobre a vida e a obra da autora.



LUÍS FILIPE CASTRO MENDES
A MISERICÓRDIA DOS MERCADOS
ASSÍRIO & ALVIM

De regresso à poesia, Luís Filipe Castro Mendes cruza memórias em verso, declinando o seu potencial para a construção de um presente, com uma reflexão amarga sobre os tempos que nos couberam viver: «Nós vivemos da misericórdia dos mercados./ Não fazemos falta./ O capital regula-se a si próprio e as leis/ são meras consequências lógicas dessa regulação,/ tão sublime que alguns veem nela o dedo de Deus./ Enganam-se./ Os mercados são simultaneamente o criador e a própria criação./ Nós é que não fazemos falta.»



MARÍA ROSA CALVILLO DE TERUEL
LIBRO DE APUNTES DE GUIOS Y DULCES
VISOR LIBROS

Um manuscrito de 1740 encontrado por um livreiro de Madrid e oferecido ao filólogo Antonio Rodríguez-Moñino, em 1969, e mais tarde entregue pela sua viúva, Maria Brey Mariño, ao homem que havia de prefaciar esta edição. Para além da história rocambolesca do manuscrito, este é o mais antigo livro de receitas gastronómicas escrito por uma mulher que se conhece em Espanha. María Rosa de Teruel trabalhava em Sevilha, na casa de uma família abastada, e este texto são as suas anotações sobre como cozinhar os pratos da época.



PALOMA SÁNCHEZ IBARZÁBAL & ANNA LLENAS
SE EU FOSSE UM GATO
OQO

O título apresenta o desafio a que o texto e a ilustração respondem: inverter a tradicional antropomorfização dos animais e promover o exercício de colocar o leitor numa condição felina. Através de limites e desvios, o humor da diferença ajuda a estreitar laços de respeito e aceitação. O elogio da amizade resulta precisamente dessa consciência que o texto proporciona e a imagem amplia com a criação de uma dinâmica de alegria e movimento, onde se incluem não apenas as personagens do texto mas também outras.

GRANTA

PORTUGAL | 2

GRANTA 2: «PODER»

ASSINE COM 25% DE DESCONTO

DIRECÇÃO DE
CARLOS VAZ MARQUES

REVISTA SEMESTRAL
NOVEMBRO | MAIO



WWW.FACEBOOK.COM/GRANTAPORTUGAL

NADA TENHO DE MEU:
TRÊS PERSONAGENS
À PROCURA DE UM MAPA

SARA FIGUEIREDO COSTA

nada tenho de meu

Nomear um objeto é o primeiro gesto de conforto pelo qual se anseia. Um livro é um livro, um filme é um filme, e por aí fora. *Nada Tenho de Meu* tem o formato de um livro, bem desenhado e encadernado em tecido com letras romanas e caracteres chineses gravados a dourado, podendo escolher-se entre as cores vermelha, azul e verde (é a única coisa que faz diferir os exemplares colocados no mercado). Entre as capas duras e forradas, há páginas de papel couché e no fim, preso à contracapa, um DVD. Se há algum desconforto que decorre da dificuldade de nomear o que temos entre mãos, não é pela estranheza perante o formato e a materialidade do objeto, porque não há dúvidas de que se trata de um livro com um DVD anexo, mas antes pela rede de significados que se vai desenhando à medida que se atravessam as páginas do livro e as imagens em movimento do filme.

À pergunta sobre se *Nada Tenho de Meu* é um documentário ou uma ficção, o próprio livro-filme responde com um silêncio de Buda, enquanto conduz as suas personagens por vários locais do Extremo Oriente, a começar por Macau. E como nas velhas histórias de mestres silenciosos e discípulos que se atropelam com tantas perguntas que fazem, esse silêncio é o lugar onde crescem mais perguntas, agora já não devotadas à santa catalogação que arruma objetos nas estantes sem criar dúvidas ou inquietações, mas antes à vontade de ver, com os olhos bem abertos e a cabeça e o corpo prontos para o desassossego.



nada tenho de meu

À quatro ou cinco séculos, *Nada Tenho de Meu* seria um diário de viagem composto por fragmentos, pequenos textos com anotações, imagens colhidas aqui e ali, referências à estranheza de costumes e ao encontro com o outro. Tudo manuscrito e desenhado, claro, e certamente arrumado num exemplar único que poderia, sobrevivendo aos séculos, transformar-se em muitos com alguma edição crítica que o resgatasse para o presente. Se há estrutura a sustentar este trabalho, talvez seja essa, disfarçada sob a narrativa que conta o regresso de um realizador, Miguel Gonçalves Mendes, a Macau, treze anos depois de lá ter estado e de ali ter sucumbido à paixão. Só que essa narrativa também pode ser a de uma escritora brasileira, de nome Tatiana Salem Levy, que procura fugir de si mesma, anotando reflexões sobre a ficção e inventando histórias como a do realizador que regressa a Macau treze anos depois de lá ter estado e da tal paixão que o terá feito voltar. Ou a história de João Paulo Cuenca, o escritor brasileiro que não consegue ficar muito tempo na sua cidade e que encontra nas deambulações por cidades estrangeiras uma espécie de maldição que o faz continuar sem saber para onde. Ou, ainda, a história arquitetada por Lolita Hu, a escritora de Taiwan que vai decidindo os passos dos personagens, aqueles que já pareceram ter o poder de decisão sobre as suas histórias e as dos outros, e até da narrativa alheia. Pairando sobre todas estas li-



nada tenho de meu

nhas, há que referir a ameaça constante de um meteorito chamado Portugal que se prepara para atingir a Terra, destruindo, talvez, tudo aquilo que conhecemos, paixões, cidades, perguntas, ficções e mapas por descobrir. Ainda fará sentido insistir na pergunta sobre se *Nada Tenho de Meu* é documentário ou ficção? Melhor será acompanhar o desabafo da personagem de Tatiana Salem Levy, quando questiona a vontade generalizada e insistente de separar a ficção da vida real, como se houvesse uma fronteira capaz de tal separação.

N o século XXI de todas as redes e atomizações, *Nada Tenho de Meu* continua a poder ser um diário de viagem. Os fragmentos e as anotações estão lá, na última parte do livro e devidamente assinados pelos três intervenientes principais: Miguel Gonçalves Mendes, Tatiana Salem Levy e João Paulo Cuenca.

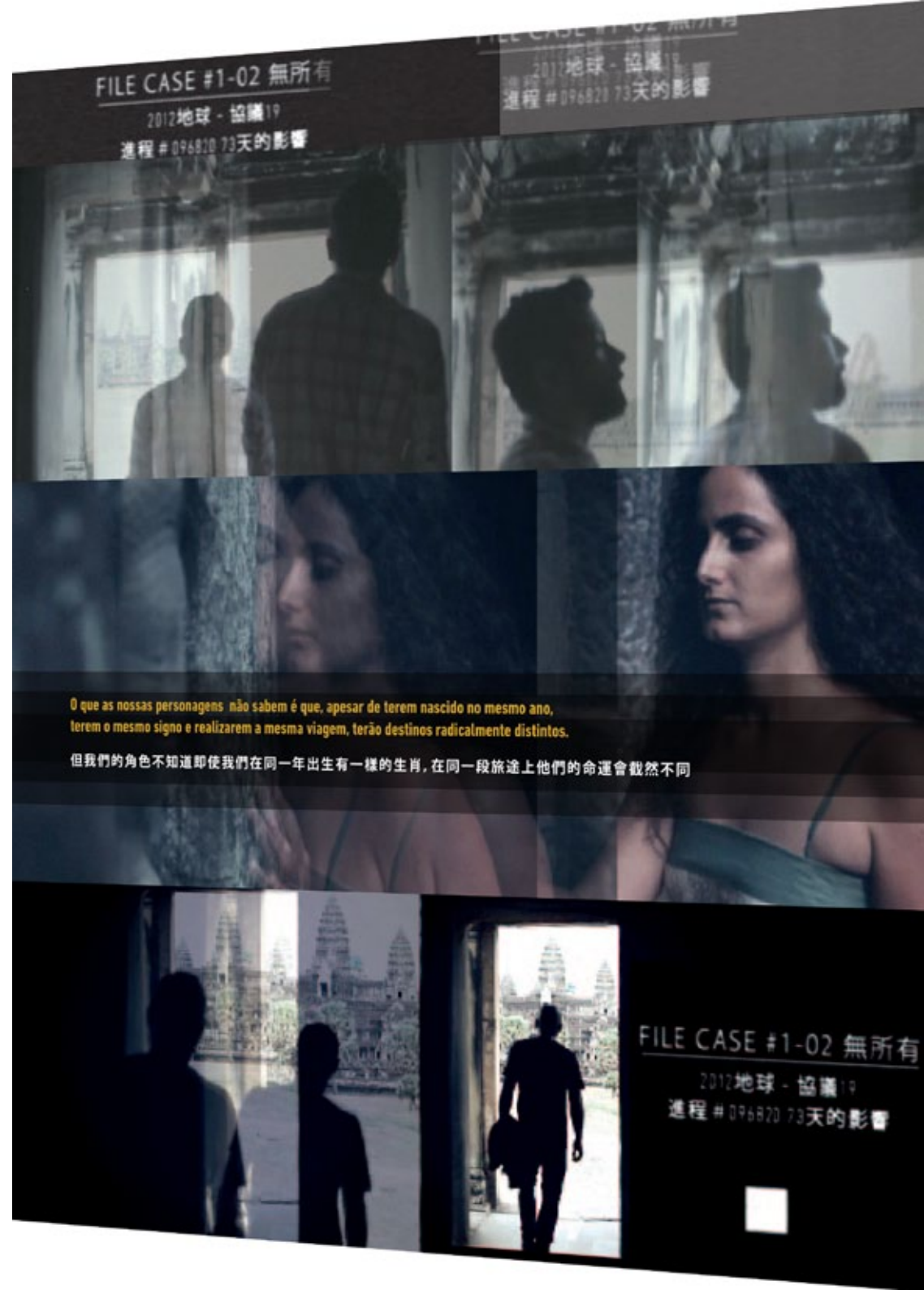
Também lá está a sequência possível de uma história sem princípio ou fim, arrumada ao jeito de uma fotonovela que tira partido dos fotogramas para reconstruir uma leitura a partir do filme (ou para permitir ao filme reconstruir-se como leitura de si própria?). No DVD, onze episódios dão a ver esta história sem história, as imagens e os sons começando em Macau, onde os três protagonistas se deslocaram há dois anos para participarem no festival literário Rota das Letras, e passando pelo Vietname, Cambodja, Tailândia e Hong Kong, antes do regresso. No itinerário, há visitas a



nada tenho de meu

templos e mercados, referências ao passado dos locais, conversas com adivinhos ou vendedores e momentos em que a frágil narrativa vai sendo lembrada sob diferentes ângulos. Acima de tudo, há pontas soltas, algo que não se configura como falha ou espaço em branco, e sim como rumo por decidir.

As pontas soltas não são acaso, mas antes fios que podem puxar-se à medida das possibilidades interpretativas ou de simples contemplação. Os espectros de Marguerite Duras no rio Mekong, do *Apocalypse Now* ou dos muitos textos clássicos orientais que, não sendo referidos, pairam nas conversas com os adivinhos, em Macau ou Banguetcoque, ou nas deambulações pelos templos, abrem brechas numa história que nunca se apresentou como arrumada, acentuando o seu carácter fragmentário e revelando esse carácter como única chave possível para prosseguir. Essa é a estrutura logo desde o início, quando se mostra o contraste das ruas de Macau – os neóns dos casinos paredes meias com os prédios de grades nas janelas e roupa a secar nas grades, o luxo ao lado do lixo numa harmonia improvável – a sugerir um retrato do mundo tal como hoje o conhecemos. O caos é a ordem, porque aquilo a que podemos agarrar-nos para perceber e ser é a ordem possível, a única que temos, mesmo que possamos transformá-la.



nada tenho de meu

Quem tiver lido *O Único Final Feliz Para Uma História de Amor É um Acidente*, de João Paulo Cuenca, receberá as referências frequentes ao peixe fugu e à própria ideia de acidente sem conseguir fugir a esse texto, o que talvez queira dizer, sem cair no lugar-comum preguiçoso que associa esta engrenagem de leitura a qualquer obra, que *Nada Tenho de Meu* será diário de muitas viagens, tantas quantas os seus leitores-espectadores tiverem lido, experimentado ou desejado. A narrativa infundável onde personagens podem ou não ser narradores, onniscientes ou apenas levados pela corrente, e onde um realizador pode conduzir a sua câmara por trilhos previamente traçados ou decidir deixá-la acompanhar o balanço de cada percurso será um bom porto de abrigo para descobrir um fio possível para a leitura. Nunca será o único, o que faz deste diário de viagem em diferentes suportes uma carta de marear lógica e cheia de sentidos para um mundo onde o choque da individualidade com a vertigem do coletivo não deixa de ser uma identidade possível, talvez até desejável para quem procura o que não sabe e arrisca perder o chão para continuar a não saber.



Enquanto espera pela liberdade, Silvina Prieto escreve

Ricardo Viel

enquanto espera pela liberdade, Silvina Prieto escreve

Foi escrita na Unidade 31 do Centro de Detenção Federal de Mulheres de Ezeiza, nos arredores de Buenos Aires, a crônica vencedora do Primeiro Prémio de Crônicas La Voluntad, organizado pela Fundação Tomás Eloy Martínez, revista *Anfíbio* e editora Planeta, e entregue no passado mês de dezembro na capital argentina.

María Silvina Prieto, autora de *Crónica tumbara: Mis días con Giselle Rímolo*, o texto vencedor, tem 47 anos e vive desde 2000 na prisão por conta de um erro que prefere não pormenorizar. Encara a sua situação como uma «aprendizagem» para a vida. Cumpre prisão perpétua, mas em meados de 2015 deve sair em liberdade por bom comportamento.

Incentivada por uma professora de jornalismo, Silvina decidiu escrever uma crônica e enviá-la a concurso. «Praticávamos e líamos crônicas de autores latino-americanos», conta. Embora não tenha na prisão acesso à Internet, a cronista aproveitou uma das saídas de fim de semana a que tem direito para conversar, por e-mail, com a *Blimunda*. «O que nunca imaginei foi que pudesse chegar a finalista e, menos ainda, a vencedora», confessa a argentina.

Leitora desde pequena, Silvina conta que começou a escrever aos 13 anos e que a sua preferência não ia para as crônicas, mas sim para os contos: policiais e de terror. Conseguiu do juiz autorização para frequentar um atelier de jornalismo fora da prisão. «Imagine a importância da literatura na minha vida:

enquanto espera pela liberdade, Silvina Prieto escreve

depois de apenas 15 dias na prisão eu já estava a trabalhar como voluntária na biblioteca. Entre organizar livros e outras coisas, eu aproveitava e seleccionava uns cinco para ler à noite na minha cela.»

O texto que lhe rendeu o Prémio La Voluntad é um relato bem-humorado do quotidiano dentro do presídio, e de como a chegada de uma «celebridade», uma falsa médica cuja prisão foi amplamente comentada na Argentina, altera a ordem estabelecida. «Eu não queria que tivesse um tom de linguagem de presídio, tampouco queria que fosse sério. Aposto muito no humor e na ironia, mas sem ofender ninguém. Acho que na vida não devemos dramatizar, senão estamos fritos.»

Quando sair em liberdade, Silvina tem planos para cuidar da mãe e o desejo de voltar a trabalhar com museus, ofício no qual se especializou antes de ser presa. E também sonha em continuar com a escrita. «Quem não gostaria de viver do que o faz feliz?», questiona. E prossegue: «É certo que competi com jornalistas e escritores, mas conheço as minhas limitações. Nunca serei um Saramago ou um Borges, vou ser simplesmente o que devo ser. A oportunidade que esse prémio me deu é inesgotável, agora é fazer com que valha a pena. Continuar a escrever, errar, e voltar a tentar.»

enquanto espera pela liberdade, Silvina Prieto escreve

Os meus dias na prisão com Giselle Rímolo

María Silvina Prieto

Cheias de expectativas, esperávamos a sua entrada. A qualquer momento estaria dançando entre nós. Traria as melhores joias? Chegaria com motorista?
Às 8.30, o barulho ensurdecedor de um carro de metal com as rodas tortas por tantos anos de uso avisou-nos de que o café da manhã estava pronto: um *mate* cozido de cor verde sobrenatural. Nem o cachorro mais sedento o tomaria. Assim é o despertar, todas as manhãs, das mulheres que habitam a unidade 31 do presídio de Ezeiza. Popularmente é conhecido como «country de Ezeiza» e costuma

ser catalogado como uma prisão modelo. Destaca-se por estar rodeado por belos campos verdes, visíveis até que a vista se perca no horizonte alaranjado. As grandes janelas do edifício dão para a estrada, percorrida por um tráfego interminável, que acaba onde começa um campo de criação de gado. Os amanheceres neste lugar não têm comparação com os de nenhuma outra parte do mundo. A paisagem é belíssima, mas o que acontece dentro do prédio é outra coisa. Naquela época, para entrar neste presídio tinhas de possuir certas qualidades,

como uma conduta muito boa ou, simplesmente, ser mãe. A unidade dividia-se em dois setores: o «a», que alojava estudantes e trabalhadoras, e o «b», onde estavam as mães com filhos menores de quatro anos. As diferenças podiam ter vários motivos, mas o fundamental era a sobrepopulação da Unidade 3 (agora Complexo Penitenciário IV) com mais de 800 pessoas, contra 150 da 31. A convivência entre mulheres e as suas diferentes condições nunca foi fácil. O mal não era aceitar a imposição de horários, tarefas laborais, estudos, diversão ou atos pátrios; o mal era que a

maioria não estava acostumada a uma rotina e prevalecia a vida louca.

As quase 200 mulheres deste verdadeiro jardim do Éden penitenciário tinham sabido pelos programas de cusquices e pelo noticiário que uma «celebridade» caíra em desgraça. A qualquer momento faria a sua aparição. Seguíamos com tanta atenção a vida da diva que não percebemos que já estava entre nós. Haviam-na trazido em segredo e não podiam alojá-la em pavilhões comuns porque passava pelo pós-operatório de uma lipoaspiração. Assim, cheia de

ligaduras e inflamada, não podia aparecer em público. Por isso passou a sua primeira etapa de cativeiro no centro médico da unidade.

Uma manhã, muito cedo, coberta por um uniforme cinza e botas negras, levaram-na até ao Pavilhão 17, o de entrada. Uma arrecadação com teto de zinco, beliches pregados ao chão, um corredor entre o espaço das camas, com mesas e cadeiras de plástico que faziam as vezes de um refeitório, um pátio pequeno, uma cozinha e uma casa de banho com três chuveiros e três sanitas para quarenta pessoas. «Impossível viver nestas condições», deve ter pensado a doutorazinha. Planeou uma estratégia: entrou na fila, esperou a sua vez, e de um telefone público dos corredores centrais telefonou para algum programa de televisão e propagou o rumor de que queriam violá-la.

Estava muito longe da realidade. As pessoas que a rodeavam estavam na mesma situação ou pior. Quem acaba de entrar no presídio tem o ânimo pelo chão, a autoestima baixa: obrigadas a conviver com trinta e nove mulheres que não conhecemos, estamos preocupadas com a nossa família. Neste contexto, não sobra energia para pensar numa recém-chegada, que só era conhecida através dos média.

Mas a brincadeira saiu-lhe cara. Logo que o noticiário e os advogados alertaram as autoridades, Giselle Rímolo foi conduzida ao Pavilhão 6. Continuava detida, mas as celas eram individuais, havia um tanque, cozinha-feitório, pátio e casa de banho com duas sanitas e três chuveiros para nove pessoas. A qualidade de vida tinha mudado, mas depois dessa difamação a vida da doutorazinha

não foi a mesma. Tanto o pavilhão afetado como os restantes começaram uma guerra que duraria até que ela se fosse embora. Ninguém faz um comentário semelhante numa prisão e vive tranquilamente. Mas como as notícias de hoje embrulham o peixe de amanhã, o tema foi sendo esquecido e, com a chegada de novas companheiras quase ninguém se lembrava de Giselle.

O clube das louras

Nessa altura eu vivia no Pavilhão 7 e já havia traçado meu plano de trabalho e de estudo. Trabalhava nas limpezas, na secção Educação, e também organizava a biblioteca. Inscrevia-me em quantos cursos houvesse (poesia, violão, ateliers de literatura, programação, inglês). Tinha que ocupar o meu tempo em coisas produtivas e deixar de pensar no tempo que ficaria ali.

Ainda assim, não estava alheia às notícias e rumores sobre as companheiras novas que iam chegando. Nessa época foram várias e bastante famosas: a tia de um governador de Buenos Aires que na juventude se dedicou ao desporto (visitava-a assiduamente um piloto de corrida), a ex-esposa de um conhecido empresário do ramo dos eletrodomésticos com rede de negócios em todo o país, uma senhora mais velha cujo sobrenome estava ligado a uma conhecida marca de automóveis italianos, outra senhora com muito destaque na sociedade de uma província central do país, cujo sobrenome estava ligado ao de um famoso presidente argentino. A lista podia continuar com outros nomes de mulheres que por uma ou outra razão saíram do bom caminho para experimentar o mundo da adrenalina. Ninguém está livre de visitar esses meandros.

Num meio-dia, ao voltar do meu trabalho para almoçar, encontrei-me com uma reunião das chefas, a da Segurança Interna incluída. Essas visitas nunca eram bem-vindas porque na maioria das vezes traziam alguma notícia desagradável. Mas dessa vez, não. Vinham dizer-me que várias companheiras que conheci quando cheguei à prisão tinham pedido por escrito a minha transferência para o Pavilhão 6.

«Senhora, tem cinco minutos para mudar de alojamento», disse-me a chefe, e acomodando os óculos que escorregavam pelo nariz deu meia volta e desapareceu como tinha chegado.

As minhas companheiras de então e eu ficámos surpresas, mas depois o grupo reagiu. Insistentes como pica-paus, as minhas companheiras não deixavam de reclamar: «Diz não à mudança!», «Claro, vai com a Rímolo!», «Sim... lá tens as tuas amigas!»

Puras demonstrações de ciúmes afetuosos e injustificados. Guardei como pude os meus pertences («os *monos*»), que por essa altura da condenação se resumiam a doze sacos negros de plástico. E entre roupas, sapatos, papéis sobre o meu caso e heranças de outras companheiras que tinham saído em liberdade, mudei-me seguindo os desígnios traçados pelo sistema.

Boneca para armar

As minhas antigas companheiras esperavam-me havia semanas: o encontro foi muito emocionante. Surpreendeu-me vê-las maquilhadas e arranjadas como se fossem a uma festa. Tive sempre a dúvida de que se secretamente queriam pertencer ao clube das louras ou se fizeram aquilo para me receber. Anos mais tarde alguém me confidenciou que o haviam feito por mim.

Como os trabalhadores da construção a passar baldes de cimento, ajudaram-me a entrar com os sacos. Com ajuda e tudo, demorei quase três horas para acomodar-me no meu novo espaço. Ainda não o havia visto e morria de curiosidade. Num momento de descontração em que as meninas me convidaram para tomar um *mate* (prática indispensável para uma fofoca), vi uma loura deslumbrante a sair do duche enrolada numa gigantesca toalha branca e com o cabelo ainda pingando. Com um sorriso tímido, mas com o à-vontade de anfitriã experiente, apresentou-se e convidou-me, e às demais, a jantar no refeitório.

Giselle Rímolo contava com um séquito que a seguia por toda a parte. Mesmo tentando adaptar-se o melhor possível à vivência na prisão, nunca passou despercebida. Cuidava tanto da alimentação como dos menores detalhes da sua imagem. Algumas das companheiras faziam o

papel de estilistas, manicures, maquilhadoras ou psicólogas. Nesta vida tudo tem um preço. Giselle pagava-o sem pestanejar. Cada vez que se banhava, gerava uma cerimónia. As estilistas entravam na casa de banho para recuperar os cabelos das extensões que, com a água, se iam soltando. Com muita paciência secavam-nos, penteavam-nos, e voltavam a uni-los com uma pistola de silicone. Lamentavelmente as unhas esculpidas não tiveram a mesma sorte. No entanto, ela jamais se resignava. Tinha que continuar a mostrar-se como uma estrela: para a sua família, o seu namorado e os advogados.

O desfile continua

Como nas melhores agências de notícias, nesse ambiente de companheirismo equilibrado ficávamos a saber quando vinham visitá-la.

Muitas das meninas gostavam

de admirar, ainda que fosse só por uns instantes, o advogado de Giselle. Um bombom. O mesmo que, dizem, tinha o seu escritório como o do Advogado do Diabo. Das primeiras vezes Giselle recebeu o namorado, os advogados e familiares no SUM (Salão de Usos Múltiplos), que era usado como sala de exercício. Ah, coincidência! Jogávamos voleibol exatamente no meio de tão famosa reunião! A quantidade de vezes que a bola foi parar aos pés do advogado era algo inverosímil. A cada devolução acompanhada de um sorriso ouviam-se os suspiros. À medida que o processo avançava, procuraram um pouco mais de calma e de privacidade na sala de advogados da prisão, que ficava no corredor contíguo ao ginásio. Mas nem mesmo essa manobra desmotivou as apaixonadas de prosseguir na tarefa de espiá-los. E assim acabámos por conhecer

Silvio S., um cavalheiro que exalava bom humor e repartia beijos e autógrafos a pedido das fãs. Sempre bem disposto e vestido com trajes de tons claros que lhe sublinhavam a elegância. De um dia para o outro deixámos de vê-lo. Estava preso em Devoto.

A mesa está servida

Diz-se que, em geral, nas prisões de homens há mais visitas do que nas de mulheres. Talvez a fidelidade feminina se destaque mais nessas circunstâncias. É verdade que as oportunidades de trabalho para os homens são menores do que para as mulheres. Manter-se dentro de uma prisão não é fácil. Convenhamos também que as mulheres têm mais gastos: maquilhagens, aparelhos de depilação, sabonete perfumado, roupa, algum perfume permitido, lingerie para alguma ocasião

especial de visitas íntimas (já não se usa o termo «higiénicas» porque de higiénicas não têm nada, e podia alongar-me numa explicação que não vem ao caso agora). Mas é verdade. Se alguém se pusesse a observar as entradas de ambos os presídios à mesma hora, veria a diferença. É por isso que cada vez que alguém recebe visita é uma festa. Dá-se muita importância porque é isso que liga uma pessoa com o que está lá fora, com a família, com os afetos, com as notícias diárias, com os manjares que há anos não são provados. Manjares de que uma minoria desfruta de maneira ilegal, mas que com a anuência dos carcereiros se transforma em algo tão legal como a água que sai das torneiras. Passamos momentos encantadores, amontoadas no SUM, com meninos que jogam futebol e usam as garrafas térmicas como

balizas, escutando em fundo os ensurdecedores hinos dos presídios (cumbias, salsas das boas, *bachata* e algum que outro rock and roll), mãos de apaixonados que se perdem debaixo das toalhas de mesas que, de maneiras suspeitas, pendem mais de um lado da mesa do que do outro. As casas de banho, tanto as dos visitantes como as das internas, avariadas há anos, deixam um rasto de água que decanta, pelo desnível do piso, até ao pátio do jardim. Isso tudo dá a sensação de um dia de descanso no delta do rio Paraná. Depois dessas cinco horas de algazarra, com resignação nos despedimos dos nossos familiares ou amigos, que com lágrimas nos olhos nos veem desaparecer por um corredor escuro, para voltar à rotina: a *requisita*, que não é outra coisa senão a revista obrigatória de todos os pertences que nossa família



INFORMA URGENTE - TRIBUNALES

RIMOLO: 9 AÑOS DE PRISION

17:39

18°S

enquanto espera pela liberdade, Silvina Prieto escreve

nos traz, e também dos nossos corpos nus.

Mas como toda a regra tem a sua exceção (senão não existiriam regras) e a justiça não é alheia a isso, as visitas das pessoas famosas são diferentes: resguardadas dos curiosos e com uma quantidade de privilégios de que nós, as presas comuns, não gozamos. Assim, graças à curta estadia de Giselle na cadeia, o *rancho* – grupo reduzido de companheiras que se juntam por afinidade e conveniência – gozava de alguns produtos proibidos, não ilegais. Silvio e o advogado traziam-lhe sanduíches triplas de miga, tortas recheadas, acepipes de todos os tipos e a estrela: milanesas já feitas e prontas para serem fritas. Além da maquiagem de boa qualidade, cigarros em carteira e muitos remédios que tantas vezes salvaram os nossos estômagos e que não eram precisamente para emagrecer.

Política comum dentro de cada

rancho: compartilhar o trazido pelas visitas.

O rancho era composto por cinco mulheres: Mónica P., Carla Z., Betiana Z., Silvina P. e Giselle, na faixa dos 25 aos 45 anos. A maioria tinha passado pela Unidade 3. Vínhamos com uma bagagem cultural e de vida muito diferentes. Apesar disso, dávamos-nos bastante bem e tínhamos uma convivência tranquila.

Heide e Manolito

Como em qualquer prisão, além da flora e da fauna que nos rodeavam, tínhamos a possibilidade de desfrutar da companhia de uns simpáticos cachorrinhos adotados, que víamos de uma janelinha que dava para o presídio dos homens (a Unidade 19). Giselle batizou-os de Heide e Manolito. Preparávamos-lhes, em pratos separados, presunto e milanesas que os bichinhos engoliam

freneticamente, e uma bacia com água. Meses depois, li em alguma revista de cusquices que Giselle mencionava os dois cachorrinhos pelo nome e com muito carinho. Depois que ela se foi, eles continuaram a aparecer para comerem, até que um dia uma alma caridosa os levou para casa. Soubemos que estavam bem cuidados e que essa pessoa os tinha vacinado. Que lhes dava banho periodicamente e que eram felizes. Enquanto estiveram conosco, encarregávamo-nos de os chamar colocando meio braço para fora da janelinha, e assim podíamos dar-lhes um pouco de amor intercambiando pulgas, babas e carrapatos.

Uma visita inesperada

Passados vários meses, Giselle ainda lia revistas e olhava hipnotizada a televisão, procurando alguma notícia que falasse de si. Mantinha a

sua imagem à força de práticas estéticas, conversava até não poder mais sobre os planos que tinha para quando recuperasse a liberdade, compartilhava as suas vivências com as suas companheiras, ocupava-se dos cachorros, acatava ordens das carcereiras e estudava um ou outro curso na secção Educação. Numa das muitas noites em que nos reunimos em torno da única televisão que tínhamos no *rancho*, acomodámo-nos as cinco, como pudemos, num dos dormitórios/cela de nossa companheira Mónica. Três na cama, Giselle numa cadeira colocada no único cantinho que havia – fazendo um L com a porta que dá para o corredor que liga os dormitórios, a casa de banho e a lavanderia. No final do corredor, a cela trancada. No extremo oposto, a janela que dava para o campo, também fechada. Eu, enfiada com uma cadeira de plástico, dessas de jardim, no meio da porta da

cela, metade do corpo dentro e o encosto da cadeira quase no corredor. Todas falávamos ao mesmo tempo, olhávamos a tv, íamos passando o *mate*, Giselle preparava pão com presunto. – Uh, desculpa... Alguém havia pousado a mão no meu ombro esquerdo e pronunciado essas palavras. Quando dei a volta para ver, não havia ninguém. Girei a cabeça para o lado direito e vi como uma imagem nebulosa se esfumava à medida que se aproximava da janela do campo. Olhei para a Giselle. Estava pálida. – Viste o mesmo que eu? – perguntei-lhe. – Não, eu não vi nada. Deixou cair o pão no chão. As mãos tremiam-lhe. As outras meninas, concentradas no programa. Anos mais tarde uma das meninas que ainda continuava presa confirmou-me que também tinha visto algo, mas que tinha ficado com tanto medo

que respondeu o mesmo que as outras.

Mar de tubarões

De noite chorava em silêncio, mas as paredes pareciam de papelão. Não era bonita, mas era interessante. Magra, loura, cabelos compridos, sempre impecável mesmo que não vestida como quando em liberdade. A sua linguagem coloquial convidava a conversas sobre assuntos banais e coisas vulgares que a tiravam por momentos do mundo da prisão. Sempre soube guardar muito bem no seu interior o mais íntimo, o que a angustiava, e poucas vezes demonstrou fraqueza. Todas passamos pela mesma experiência. Com essas características era previsível que o mar de tubarões que a rodeavam estivesse no aguardo para tirar proveito. Muitas vezes insinuou que era ameaçada por

outros pavilhões, que lhe pediam «coisas» (cigarros, cartões de telefone, tinta para os cabelos) como pagamento em troca de proteção. Ali acabamos por fazer o que se pode e defendemo-nos com as ferramentas que trazemos do mundo exterior. Acima de tudo, tentou ser simpática com todos. Por isso, de cada vez que dava algo fazia-o com franqueza e não por medo. Apesar dessas circunstâncias, em alguns dias da semana (quando era a sua vez de limpar o corredor central comum a todas as internas) tinha que enfrentar alguns peixes gordos que a assediavam, tanto para receber um cartão telefónico como para receber piropos e propostas das «chongos» (mulheres que gostam de outras mulheres, mas que se vestem de homenzinhos para se masculinizarem, adoptando linguagem e trejeitos de homens). Posso assegurar que ela jamais aceitou.

A despedida

Compartilhámos com Giselle uns quantos meses desse fatídico 2004. Foi-se embora numa sexta-feira, envolta num *tailleur* de uma conhecida marca, de cor rosa, a combinar com suas unhas recém pintadas e o seu cabelo meio ondulado. Nunca pareceu ser uma presa comum, e tampouco o era, mas teve o cuidado de não se evidenciar muito. Na prisão o costume é acordar muito cedo. Nas primeiras manhãs, Giselle peregrinava pelos telefones públicos. Não parava de telefonar ao seu advogado para que a tirasse dali o mais rápido possível. Sofreu um bocado e depois acomodou-se. Nessa sexta, uma de nós penteou-a, ela maquilhou-se, pintou as unhas das mãos e dos pés. Escolheu bem as bijuterias, não carregou demais, só uns anéis, brincos de argolas e uma

enquanto espera pela liberdade, Silvina Prieto escreve

pulseira que no último momento ofereceu de lembrança a alguém. A cada instante ia à casa de banho: o único lugar onde havia um espelho.

Subida no salto alto, escutava-se o tac tac a cada passo que dava. Parecia nervosa, confusa e alegre: um confusão de sentimentos cruzados. Via-se-lhe nos olhos a vontade de chorar, gritar, insultar alguém, tudo isso comprimido na garganta. Não devia chorar para não borrar a maquilhagem. Não devia gritar porque pensariam que estava acontecendo alguma coisa. Não devia ofender porque o que mais lhe faltava era, no seu último dia de prisão, sair com uma sanção. Parecia sentir-se uma diva diminuída, mas o facto de se arranjar levantou-lhe o ânimo. Tinha que apresentar-se à mesmíssima senhora Justiça, ao promotor e aos advogados, aos meios que a assediavam, aos familiares, e aos poucos amigos que restaram depois de entrar

na prisão e, o mais difícil, a si mesma.

Foi acomodando na carteira os poucos haveres que levaria. Antes de se despedir, repartiu os seus bens entre o seu *rancho*. Todos por igual sem distinção de hierarquia. Jogos de cama sem usar, maquilhagens, tinta para o cabelo, cigarros, cartões de telefone, verniz para as unhas, estojo de costura, medicamentos para doenças ligeiras e comidas de todo o tipo que pudéssemos repartir com os animais de estimação.

Ao meio-dia uma carcereira avisou-a de que o carro a esperava. Depois de tantas vivências o carinho aflora. Acusações à parte, o companheirismo é cego como a justiça. Regra geral, e por questão de respeito entre os presos mais antigos, existe o código de não perguntar os motivos que levaram alguém à prisão: a não ser ao juiz, a ninguém isso deve importar. Já

basta o sofrimento de estar ali. Cada um com a consequência dos seus atos. O que importa é como se atua em relação aos demais.

Entre abraços, lágrimas, sorrisos que tentavam transmitir toda a força para enfrentar o futuro, empurrões de algumas tresloucadas, gritos, aplausos e entrechocar de painéis, vimo-la ir por esses corredores intermináveis e pouco iluminados que às vezes conduzem à liberdade.

Só voltei a vê-la nas notícias. Soube que o pedido de prisão para ela era de nove anos, e que parte da causa havia prescrito. Quando a vi na televisão parecia bastante desfavorecida. Muitos dos que passaram por esses lugares nunca voltam a ser os mesmos. As grades consomem o físico e o cérebro. Há que ter jogo de cintura para aguentar tanto tempo de reclusão e sair dali coerente.

Passaram alguns anos. Os

ranchos dissolveram-se e à medida que a população penal mudava formaram-se outros, com companheiras diferentes. Não voltei a ver as companheiras daquela época. Um bom sinal, significa que não reincidiram. A outras, com o advento da tecnologia, pude localizá-las no ciberespaço. Dedicaram-se a formar uma família ou a reerguer a que já tinham. Algumas com filhos ou netos.

Cá estamos, as que continuamos à espera da liberdade, com saídas transitórias que nos permitem voltar à sociedade, devagar, mas com passos firmes. A passagem do tempo não foi em vão. Lá fora, há pessoas que nos esperam com alegria. Saber disso dá-nos a força e a dignidade que, pouco a pouco, fomos perdendo na prisão.

**QUEREMOS
TANTO
A JULIO**

**PILAR
DEL RÍO**

Queremos tanto a Julio

E como ele dizia sobre Glenda, é difícil saber por que queremos tanto a Julio, o menino alto e grande, de olhar de gato e ronronar de criança que não aprende a pronunciar os erres e torna tudo divertidamente suave, sem solenidade, provocando a resposta amorosa.

O grande sedutor que amamos porque amava a Glenda, e a Maga, e era um cronópio tenaz, distinto. O homem em cujo corpo cabemos, nós, os seus leitores, e onde nos encontramos a cada dia como amantes incansáveis ou perseguidores de sonhos. E assim, juntando corpos, queremos tanto a Julio, página a página, descobrindo recantos que não imaginávamos existir nas nossas estruturas físicas, tão frágeis e efêmeras, tão necessariamente em dívida com Julio, a quem queremos tanto porque o lemos, o vemos, nos conduz por Paris e faz com que a música soe sempre arrancada de um desejo que não se cumpre, tão cheio de ansiedade e espera, tão humano como o sax de Charlie Parker...

Julio Cortázar é um escritor como outros, embora talvez seja mais alto, mais desajeitado e mais doce. Pede proteção no seu apartamento de Paris, oferece a sua estatura na Nicarágua, caminha em Buenos Aires alheio ao tempo, como se não o olhássemos registando os seus passos e o movimento das suas mãos. Com elas nos descreverá a todos no dia seguinte para que continuemos a amá-lo sem desfalecimento, como numa noite de interminável vigília ou num doce amor. Queremos tanto a Julio que não saberíamos viver sem nos reunirmos ao redor dos seus livros, sem beijarmos o seu nome, sem mergulharmos na melancolia da sua lembrança. Queremos tanto a Julio.



Marselha (França) 1982
Arquivo Aurora Bernárdez

**UM JARDIM CHEIO DE
CRONÓPIOS PARA
CORTÁZAR**

**RICARDO
VIEL**

um jardim cheio de cronópios para cortázar

Foram chegando e pouco a pouco ocuparam todas as mesas. Depois, as cadeiras colocadas nos cantos da sala, e em seguida sentaram-se no chão, na saída de emergência, no corredor, e quando já não havia onde estar, tomaram o saguão. Em pé, braços colados uns aos outros, ficaram nas pontas dos pés para não perder nenhum detalhe do que viam e ouviam.

Era fim de tarde em Lisboa e o Jardim de Inverno do Teatro São Luiz estava tomado por cronópios, e famas e esperanças que acudiram ao convite para celebrar a imortalidade do criador de todos eles, Julio Cortázar.

Durante cerca de uma hora e meia, o ator José Rui Martins, do grupo Trigo Limpo Teatro ACERT, acompanhado do quarteto de Carlos Martins, alimentou as «criaturas» ali presentes com fragmentos do conto *O Perseguidor* e com jazz, a música que o homenageado do dia tanto admirava.

Era 12 de fevereiro, data da morte de Julio Cortázar. Trinta anos antes, num dia de muita neve em Paris, o escritor argentino falecera na capital francesa. Conta-se que Buenos Aires, naquele mesmo dia de 1984, foi invadida por borboletas amarelas. Trinta anos depois, não só em Lisboa mas em várias outras cidades do mundo – como em Madrid, onde a ex-companheira de Cortázar esteve presente para participar numa homenagem ao escritor – leitores reuniram-se para celebrar a imortalidade do argentino mais querido de todos, como disse certa vez García Márquez.

Era querido por todos, porque era capaz de criar figuras encantadoras e doces como os cronópios, seres descobertos em 1951 por um Julio Cortázar recém chegado a Paris. Ele havia ido a um teatro assistir a uma homenagem a Stravinski. No intervalo do concerto teve a epifania: viu pequeninos e divertidos seres verdes a flutuarem em círculo um pouco acima das cabeças da audiência. «Junto com

um jardim cheio de cronópios para cortázar

a aparição desses objetos verdes, que pareciam inflados como balõezinhos ou sapos ou algo assim, veio-me a visão de que esses eram os cronópios», contou numa entrevista. Durante dez anos, Cortázar foi pacientemente reunindo história sobre essas criaturas sensíveis, tímidas e ingênuas, idealistas e desordenadas, capazes de fazer das situações mais banais momentos de enorme beleza. Em 1962 publica *História de Cronópios e de Famas*, e quase imediatamente recebe, de seus leitores, o título de «o maior cronópio de todos». Mas o que é afinal um cronópio? «Um cronópio é um desenho fora da margem, é um poema sem rima», explicou o pai desses seres. A antítese de um cronópio é uma fama: rígida, organizada e metódica. A meio caminho estão as esperanças, que são desinteressantes e ignorantes.

Com esse jogo literário de ar inocente, Cortázar instigava os seus leitores a não se resignarem, a arriscarem-se em busca de um outro modo de viver. «Creio que desde muito pequeno a minha desgraça e a minha sorte, ao mesmo tempo, foi o não aceitar as coisas como elas me eram dadas. Não me bastava que me dissessem que isso era uma mesa, ou que a palavra mãe era a palavra mãe e ponto [...] desde muito pequeno a minha relação com a palavra, com a escrita, não se diferenciava da minha relação com o mundo em geral. Parece que eu nasci para não aceitar as coisas como elas me são dadas», disse Cortázar numa entrevista. Não aceitava, e provocava os seus leitores a fazer o mesmo. Não aceitava sequer os limites da linguagem, desrespeitava as estruturas, e por isso escreveu *Rayuela*, uma novela aberta que invoca a subversão em todos os aspetos.

Cortázar espalhou pontes nas suas histórias. Pontes que eram metáforas dessa possibilidade de alcançar outro universo, de se habitar uma vida onde se destroem as convenções, o estabelecido,

LEITURA DE FRAGMENTOS DO CONTO DE JULIO CORTÁZAR POR JOSÉ RUI MARTINS – TRIGO LIMPO TEATRO ACERT



INTERPRETAÇÃO DE TEMAS DE CHARLIE PARKER PELO QUARTETO DE CARLOS MARTINS





um jardim cheio de cronópios para cortázar

para que algo novo, repleto de poesia e de beleza, surja. Essa era a utopia que Cortázar defendia e que compartilhou com os seus leitores espalhados pelo mundo. Todos eles querem ser cronópios para poderem cantar com um tal entusiasmo a ponto de perderem tudo o que trazem nos bolsos, o cálculo dos dias e das horas incluído. «Para Cortázar a realidade era mítica nesse sentido: estava também na outra face das coisas, no que está um pouco além dos sentidos, invisível porque não soubemos esticar a mão a tempo de tocar a presença que ela contém», escreveu Carlos Fuentes. «Por isso eram tão extensos os olhos de Cortázar: via a realidade paralela, o que está além da esquina; o vasto universo latente e seus pacientes tesouros [...] a iminência de formas que esperam ser convocadas por uma palavra, um traço de pincel, uma melodia cantarolada, um sonho.»

Com a ajuda da literatura e da música, ou de ambos, como aconteceu em Lisboa no último dia 12, é que se constroem as pontes invisíveis que permitem aos cronópios – que por acreditarem que elas existem são os únicos que se atrevem a cruzá-las – a chegada ao outro lado. «Um cronópio é como uma flor», escreveu Cortázar. E alguém respondeu: e dois são um jardim. E o Jardim do Teatro São Luiz estava repleto de cronópios. Um bosque inteiro. Todos contentes, felizes a ponto de esquecerem as contas do banco, as chaves de casa, os telemóveis e os chapéus de chuva. Felizes como Cortázar naquela foto em que aparece com um cone na cabeça. Um cone não, um chapéu, porque desde pequeno e até ao último dia de vida o maior cronópio de todos negou-se a aceitar que um cone não era um chapéu, e vice-versa.

infantil e juvenil

teresa alçada

a revolução silenciosa da leitura pública

Andreia Brites

Teresa Calçada



Teresa Calçada é um nome incontornável da leitura pública em Portugal. Fundou a Rede de Bibliotecas Públicas e a Rede de Bibliotecas Escolares que coordenou até ao final de 2013. Integrou o comissariado do Plano nacional de Leitura (PNL) e, agora que se reformou, vai fazer mais voluntariado. Na nossa conversa, recordou o seu percurso. Sobretudo, explanou as motivações ideológicas que

fazem com que a sua vida se confunda com a missão de fazer leitores.

Numa entrevista recente que deu ao Público, afirmou que irá fazer voluntariado de leitura. Gosta de contar histórias?

Não sou uma contadora de histórias. Vejo-me mais como uma divulgadora de livros. Conheço-os e sou capaz de falar deles e puxar interesses ou desinteresses pela manipulação e pela diferenciação dos livros.

Agora vai fazer isso com crianças?

Agora, no voluntariado de leitura, associado à Associação de Voluntários da Leitura, que é dirigida pela Isabel [Alçada] (eu própria sou Presidente da Mesa, começámos a trabalhar nisso há um ano), o meu trabalho vai ser outro.

Vou simplesmente ler com dois meninos que têm dificuldades em ler. É ler a par. Eu leio melhor, eles leem menos bem. Acredito que é necessário ter boas competências de leitura, não me can-

so de dizer. Então vamos estar ali, uma hora por semana, para eles ganharem melhor performance porque a leitura é performativa e como habilidade performativa precisa de treino. Utilizarei naturalmente os livros da biblioteca escolar, umas vezes escolhem eles, outras escolho eu...

Tem liberdade nas escolhas?

Sim, vou fazer como eu quiser. Combinei isso com a professora. Vou a uma escola primária, com crianças do 2.º ano, que já sabem ler um bocadinho. Vou fazê-lo numa escola pública, onde fui aluna. E é isso, *tout court*.

Como lhe surgiu a ideia de fazer voluntariado?

Ser voluntário de leitura ou de hospital tem as suas regras, que eu vou cumprir, não estou a falar de voluntarismo, estou a falar de ser voluntário no quadro de um projeto de uma associação.

Mas faz anos que numa aldeia onde tenho uma casa inventei uma biblioteca de comunidade. Fizemo-la em conjunto, um grupo de amigos, e nasceu como se fosse uma pequena biblioteca pública. Depois foi mais escolar porque se instalou na Escola Primária. Agora que a escola fechou vamos para as instalações do jardim de infância e estamos numa grande

mudança. É uma biblioteca normalíssima, igual a tantas outras que encontra nas escolas, com a diferença que tem um fundo para crianças e um fundo para adultos. Um bom fundo de literatura mas também de coisas da vida corrente, saúde, divulgação científica, culinária, anedotas... Aquilo que pode interessar a uma comunidade.

**Amo as palavras.
Elas têm para mim
uma verdade que
as ultrapassa.**

Como funciona?

Tem tido uma história diferenciada ao longo dos anos. Existe há mais de dez anos e é uma experiência de boa vontade continuada. Vai-se sempre alimentando, foi crescendo um pouco na documentação, também tem música, uns computadores, como é suposto. E é bonita, porque acho que uma biblioteca tem de ser boa mas tem de ser bonita.

No arranque candidatámo-nos e ganhámos um projeto da Fundação Calouste Gulbenkian mas é tudo feito nesta base, dos amigos da biblioteca. Há sempre um ou outro amigo mais solidário que tem mais dinheiro e que compra as novidades que lhe pedimos – é generoso! – e vai-se fazendo.

Em princípio abre ao sábado e ao domingo. Houve períodos em que, como estava na escola, a biblioteca funcionava ao fim de semana para a comunidade e como escolar durante a semana. Os professores, e sobretudo a educadora, tinham chave e iam lá com os alunos.

Agora uma pessoa que foi educadora na aldeia reformou-se e pensamos poder abrir um dia por semana, em princípio naquele em que os miúdos não têm aulas à tarde, a quarta-feira. É claro que isto conta, desde sempre, com o apoio da Junta de Freguesia.

E têm alguma programação?

Levamos umas iniciativas, umas conferências, uns concertos... Organizamos uma feira do livro na altura das Festas da Aldeia e

sempre vai um generoso de um amigo nosso falar. Por exemplo, o Vasco Graça-Moura foi uma vez falar sobre o Dia dos Namorados, o Professor Fiolhais sobre nanotecnologia. Não deixámos de ter público nem o público deixou de perceber de que falavam estes grandes autores pelo facto de ser uma aldeia.

As pessoas vão?

Sim, as pessoas vão. Há um ou outro pai e mãe que vão. Há pais que vão com os filhos, isso é sempre socialmente muito relevante... Agora espera-se que a biblioteca ganhe um novo ânimo. Vamos ver, está na fase de *inputs*.

**a leitura pública
como política era
praticamente
inexistente dez
anos após o 25
de abril**

Entrou em 1982 para o Instituto Português do Livro. Qual era a situação da leitura pública em Portugal na altura?

Eu fui professora de Filosofia e entrei, a convite do António Alçada Baptista, para o Instituto do Livro. Na altura o meu começo de trabalho foi correr o país e as bibliotecas das associações recreativas, dos bombeiros, tudo o que havia. Fiz um levantamento da situação para fazermos um plano de revitalização ou integração dessas bibliotecas. Só três ou quatro

anos depois é que nasceu o projeto da leitura pública. Era secretária de Estado a Teresa Patrício Gouveia, que por acaso é bibliotecária de formação. A alma desse projeto foi a Maria José Moura, que era bibliotecária, a responsável pela formação da Associação dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas em Portugal. É

uma pessoa que tem todas as condições para que Portugal lhe seja agradecido porque ela percebeu que as bibliotecas são uma condição para a democracia.

Isto nos anos 80?

Sim, por volta de 86. Portanto, repare que a situação da leitura pública como política era praticamente inexistente e tinham passado dez anos do 25 de abril. Estamos hoje a falar de trinta anos e de duas grandes políticas de leitura em Portugal.

A primeira de todas foi essa. Teve uma matriz que nasce nessa altura com um grupo de trabalho coordenado pela Maria José Moura e que marca uma democratização, uma consciência de que um tipo de equipamento como este é condição de ir ganhando autonomia, literacia, direito à informação e ao conhecimento em ambiente moderno, adequado e copiado daquilo que os países ditos civilizados (França, Inglaterra, Alemanha) tinham. A Maria José sabia muito do que se passava. Era completamente internacional, muito pró ativa e comunicadora.

É então que começa a nascer a Rede de Bibliotecas Públicas. Mas já havia Bibliotecas Públicas?

Havia meia dúzia. Velhas bibliotecas que também eram velhas. Vou-lhe falar de uma que ainda hoje é importante: Camilo Castelo Branco, em Vila Nova de Famalicão. Era uma velha biblioteca mas não era uma biblioteca velha. Tinha alguma vida. Isso às vezes tem a ver com as terras que mantêm uma representação republicana, democrática, a história de cada uma.

Pertencia ao Estado central ou à autarquia?

À autarquia. Estas bibliotecas eram municipais. Não me lembro bem, mas consigo dizer-lhe que havia uma na Figueira da Foz, outra em Leiria... Umas mais envelhecidas, umas mais pró ativas mas que eram bibliotecas de conservação, muitas vezes associadas ao arquivo.

Em que consistia o programa?

Nasce de uma parceria entre o Estado e as Autarquias. Foi muito moderno, nesse sentido. Havia muito pouca prática de fazer parcerias com dinheiros públicos dum lado e de outro. O Estado assumiu a fundo perdido uma verba, negociava com as autarquias, que faziam as obras, reconstruía-se o edifício ou fazia-se de novo. Depois teve de se encontrar bibliotecários. Não havia bibliotecários em Portugal. Fizemos os primeiros cursos de bibliotecários de leitura pública em colaboração com as universidades e com os cursos de documentação de então, especificamente orientados para a leitura pública. Criou-se um edifício.

Como foram pensadas as bibliotecas deste projeto?

As bibliotecas nascem com tipificações de acordo com a dimensão das autarquias, com uma natureza de coleções, a obrigação de ter pessoal formado e um conjunto de princípios modernizados: uma biblioteca igual a mediateca, uma biblioteca de livre acesso, uma biblioteca sem portas nos livros, e uma biblioteca com ideia de ser socialmente útil e inclusiva. Portanto com uma consciência de

***acho que uma
biblioteca tem de
ser boa e tem de
ser bonita***

que era uma mais-valia para o reforço da democracia em Portugal. Fizeram-se bibliotecas estupendas, algumas ganharam prémios, estou a lembrar-me da Biblioteca do Seixal, da Póvoa do Varzim.

Era quase revolucionário...

Do ponto de vista do equipamento, era. Foi assumido pelo Estado, pelos governos, por muitas autarquias. E funcionou bem, com prós e contras, claro está, mas foi estupendíssimo. Aliás, para quem lá trabalhou, mormente para mim, foi um privilégio ter trabalhado neste projeto, nesta ideia.

E a inspiração do modelo e das práticas, de onde veio?

Veio de fora. Inspirámo-nos em muitos contratos franceses, ainda que quiséssemos aproximar a nossa ideia de biblioteca social da dos ingleses: a biblioteca que tem mais horários, que serve às minorias... Aquilo nasce com dois bibliotecários, um dos quais a Maria José Moura, um arquiteto, o Pedro Vieira de Almeida e eu própria pelo Instituto do Livro. Corremos o país, e corremos mesmo! Fomos a imensos lugares para serem inspiração, controvérsia, falámos com as Câmaras... Escrevemos um relatório que entregámos à tutela e é depois da entrega do relatório que se decide fazer, seguindo as indicações propostas, um projeto de leitura pública que se inicia com alguns. Há episódios engraçados.

Algun que recorde?

**é duro mobilizar
os professores.
Mobilizamos mais
facilmente os
miúdos.**

Uma das primeiras experiências que tínhamos para mostrar era a Biblioteca do Barreiro, que tinha sido feita numa parte moderna da cidade, por acordo com o empreiteiro. Era praticamente a única que já exibia os nossos princípios. Vieram cá uns estrangeiros, nomeadamente uns franceses, fazer umas conferências (já não me lembro bem que sou de má memória) e nós éramos muito poucos nesse gabinete. A Maria José Moura, que era mais avisada que nós, disse-nos: «Nós não podemos dizer que somos só estes, se-

não eles não acreditam, nem dizemos que só temos a biblioteca do Barreiro, vamos lá porque é a mais próxima.» Havia ali uma cumplicidade! Depois havia um ou outro veterano, na altura o Henrique Barreto Nunes, que era o responsável pela Biblioteca Pública de Braga, e sabia muito. Contribuiu aliás para o relatório com a história da leitura pública, está feita.

Houve autarquias que rejeitaram o projeto?

Ah sim, claro! Por boas e más razões, convenhamos. Tratando-se de uma parceria, tinha de haver dinheiro e responsabilidade com um quadro de pessoal, que às vezes é mais complicado do que o dinheiro, mais difícil de negociar. Depois eram situações muito diversas, vinha muitas vezes de o autarca ter muita consciência do valor da biblioteca ou de um autarca não ter consciência nenhuma e isto não está indexado à literacia do próprio. Tivemos, como imaginará, há 30 anos, autarcas com mui-

ta simplicidade que nos disseram: «Aqui até há dinheiro, as pessoas têm isto e aquilo, mas falta-lhes conhecimento. Então eu quero uma biblioteca para a minha terra.» Outros que achavam: «Já tenho tudo, não é preciso mais nada.» O projeto funcionava por candidaturas e havia um processo de seleção, por isso havia muitas razões para serem uns e não serem outros. Dependia de muitos fatores.

A verdade é que a leitura pública é um *work in progress*. Ainda havia candidaturas a decorrer há três ou quatro anos.

Sim. E tenho muita mágoa se não continuar. É uma mágoa mesmo! De outras formas, porque tudo muda. Hoje porventura haveria condições para associar municípios que noutras alturas não se poderiam associar. Tenho pena de não ter conseguido fazer uma coisa na minha vigência de escolar, mas acho que alguém fará. Tínhamos esse projeto com a Parque Escolar, mas a mudança na Parque Escolar deixou parado, espero que entre parênteses, este projeto que era fazer num ou noutro município mais pequeno uma grande biblioteca escolar que seja pensada para abrir à comunidade na sua valência de biblioteca pública. Estou convencida de que isso pode ser, para meia dúzia de municípios, uma ótima solução, uma partilha entre a autarquia e o Ministério da Educação. A Parque Escolar fez já, por outras razões,

nas escolas secundárias bibliotecas escolares com acesso autónomo. Não se entra na escola para ir à biblioteca. Há uma conferência, um encontro, um clube de leitura... e as pessoas podem ir sem entrar na escola.

Como nasceu a Rede de Bibliotecas Escolares?

Por volta de 1996 eu era subdiretora da Biblioteca Nacional, pelo Instituto do Livro. O Prof. Marçal Grilo estava no Conselho Nacional de Educação. Tínhamos já trabalhado juntos, em parcerias entre cultura e educação. O Prof. Marçal Grilo vai a ministro e considera

que se pode fazer alguma coisa com as bibliotecas escolares. Não é alheia a isto a figura do Guilherme de Oliveira Martins, à época secretário de Estado, que é muito sensível às bibliotecas. Nasce a oportunidade e forma-se um grupo de trabalho com duas pessoas da cultura, duas da educação e um coordenador, que era a Isabel Alçada, para estudar a situação, à imagem do que se tinha feito com as bibliotecas públicas. Faz-se um projeto que entregamos aos mi-

nistros Marçal Grilo na Educação e Carrilho na Cultura. O projeto é aceite e depois é nomeado um poder executivo para o levar avante, e esse executivo sou eu. Então em 96 começa o projeto das Escolares.

Que valores presidem a esta nova política de leitura?

A nossa fonte de inspiração foram as públicas. Eu tinha a experi-

**os bens do
espírito, da
cultura, das
artes, das letras
e das ciências
são de primeira
necessidade.**

ência e defendi sempre que, especialmente em países pobres, tinha de haver uma forte ligação entre as escolas e as bibliotecas públicas. Na altura o Ministério da Educação defendia que as questões da educação são importantes para a cultura: só se tem público para a cultura se se tiver uma boa educação. É condição para se escolher o que se gosta. Enquanto não houver educação o público da cultura é sempre mitigado. Dentro desse princípio as bibliotecas escolares eram instrumentais como as bibliotecas públicas já o eram. Só faltava ligá-las cada vez mais. E foi assim, *petit à petit*, que a coisa foi funcionando.

Como foi o arranque?

Eu conhecia as públicas. Fui às melhores, claro. Começámos com alguns belíssimos projetos em bibliotecas públicas onde naturalmente eu tinha a certeza de que havia bons bibliotecários. A margem sul toda trabalhou com as escolares, mas não só, toda a linha... Primeiro pensámos em trabalhar só com a zona metropolitana de Lisboa, porque era mais perto para nos deslocarmos. Mas as direções regionais de educação contestaram isso junto do senhor ministro e ficou decidido que faríamos uma experiência nacional. Ainda bem que fomos vencidas, porque nalguns casos fizemos do melhor do mundo. Existem bibliotecas maravilhosas pelo país, algumas delas têm já dezassete anos, com excelentes professores bibliotecários, excelentes direções. Porque não se consegue grande trabalho se houver um divórcio entre as direções e os bibliotecários.

Que parâmetros devem ser cumpridos pelas bibliotecas escolares?

A nossa missão é conquistar público.

Isto nasce como um novo projeto de leitura, com um relatório, princípios, orientações. Tudo muito simples: tipos de bibliotecas conforme a escola fosse do 1.º ou de outros ciclos, adequação da coleção, ligação com a autarquia. Nas escolas do 1.º ciclo, por exemplo, as obras foram sempre feitas pelas autarquias. Às vezes isso acarretava que faziam obras na escola toda, noutras a biblioteca era um oásis. Acho que podemos dizer com honra, todos os que trabalhamos nas Escolares, que os princípios eram sempre os mesmos, e que se aplicavam a todas as escolas, das pequeninas às grandes,

com uma pequena discriminação nas do 1.º ciclo, por termos a consciência de que é o princípio. As bibliotecas tinham sempre de ser bem organizadas, de seguir os princípios, de preferência bonitas, pelo menos no sentido de serem lugares que respeitassem os leitores, onde os miúdos gostassem de

ir, que marcasse a diferença no conteúdo e na forma para não reproduzir situações de infelicidade e de pobreza, e eu acho que as nossas bibliotecas são assim.

Não há bibliotecas más?

Claro que há. Estou a dizer como princípio. Aqui há um grande ponto, tal como na leitura pública, são os recursos humanos. E basta que mudem os recursos humanos para uma coisa que foi muito boa passar a ser menos boa ou mesmo muito má. Por isso estas políticas constroem-se ou destroem-se conforme a compreensão do valor dos recursos humanos. No caso das bibliotecas escolares é assim mesmo. Nasceram com a condição de serem geridas por profes-

sores com formação para isso. Tem sido assim desde o princípio até agora. O que põe este edifício em causa é se lhe tiram a governanta ou o governante. Porque depressa se transforma naquilo para que não nasceu. Aliás, temos já um enormíssimo desafio nestes últimos anos: nascemos para fazer bibliotecas boas do século XX. E fizemos, acho que fizemos.

Mas depois chegou o século XXI...

Pois é. O século XXI trouxe modos de estar, de ler e de ser da biblioteca muito diferentes. Porque marca a passagem do analógico ao digital e isso implica novas formas de estar, novas literacias, leitores multimodais, outras competências, muitos ecrãs, novas ferramentas, muita velocidade, navegabilidade, portabilidade, ubiquidade. Então não se pode ficar numa excelente biblioteca do século XX, temos de ter uma boa biblioteca do século XXI. Somos conscientes dos perigos das novas literacias emergentes, somos leitores, estudiosos e convocamos os professores para lerem tudo o que se diz hoje sobre as novas literacias, o que temos de prevenir, as questões da segurança, a validação...

A biblioteca destina-se a praticar com os alunos competências, conhecimentos, atitudes e valores. Isto passa por um exercício de

validação do saber que é muito importante para desmistificar um modo moderno de estar na vida que pode levar à ilusão de que não é preciso nada porque tudo está nos periféricos. Não. Temos de distinguir o lixo e o conhecimento validado.

***as bibliotecas
escolares tiveram
sempre a amizade
de todos os
ministros que
passaram pelo
ministério da
educação.***

Tem sido muito difícil defender o projeto da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)?

Quando passei das públicas para as escolares algumas pessoas próximas acharam que não ia haver compreensão das escolas do valor da biblioteca e sobretudo que não ia haver do Ministério da Educação condição para haver bibliotecas. Ninguém pode esconder vaidade quando isso se consegue. Mas é uma vaidade coletiva. Desde logo uma que pode parecer não ser normal dizer: as bibliotecas escolares tiveram sempre a amizade de todos os ministros que passaram pelo ministério da educação. É uma sorte.

Claro que a sorte dá trabalho. Mas há sorte, ou uma coincidência favorável.

Era uma simpatia ideológica? Não era movida pela ignorância?

Era uma simpatia de quem compreende. Quem inicia o projeto porque inicia, quem está com porque está com, quem é frequentador porque é frequentador, quem considera que aquilo é instrumental

e quer ter sucesso e então aposta nas bibliotecas... Por razões que variam. Aqui junta-se o PNL que também é aceite como uma ideia que pode potenciar o valor social da leitura. Isto não pode ser escondido. Com mais ou menos dinheiro, mais ou menos recursos humanos... Mas passa-se a ter institucionalmente dentro da escola, por concurso, a função de professor bibliotecário. Há um percurso que consolida o equipamento humano, físico, documental.

Foi mais fácil motivar as tutelas que os professores?

Há um lado mais fácil, até pelo universo. No princípio não foi preciso porque foram o Prof. Marçal Grilo e o Guilherme de Oliveira Martins que pensaram nisso e foram eles que criaram o grupo. Portanto, mérito total de quem não imagina uma escola sem biblioteca ou pode dizer que a escolaridade obrigatória aumenta quando a leitura começa nos pequeninos. Depois, isto também faz uma certa escola e não é fácil negar, por muito pouco que seja, o percurso que foi feito.

Agora, não lhe digo que não era preciso convencer as tutelas sobre questões de dinheiro ou de pessoas.

E às vezes pensa-se: se há tanto professor numa escola, para que é preciso mais um para ir dizer ali numa escola primária como é que se lê, o que é que se lê, ler com... Mas não estão lá os professores?

E é a parte mais transversal, porque os professores também acham o mesmo.

Claro! Era difícil num universo, mas estas resistências estão também nos professores. Por razões várias. Seja porque não sabem, seja por comodidade ou comodismo, seja por não terem representado bem o papel transversal da leitura e inclusivé da biblioteca, deixam isso para a Maria ou para o Manel. «Se ele tem horas para isso, faça!» Todos não têm razão e todos temos razão. Porque realmente algum trabalho deste deve ser feito pelos professores. E não é pelo Manel ou pela Maria. Um professor não pode ser um bom professor se não se empenhar nas competências leitoras dos seus alunos, seja ele (dos mais importantes) educador ou do primeiro ciclo, seja

de educação física, de matemática, de filosofia, de português, de língua, etc. É um problema que atravessa a escola toda, principalmente quando a escola já deixou há muito tempo de ser igual a escola sala de aula, mas é escola igual a muitos espaços sociais e portanto todos os professores têm de compreender isso.

Para não se demitirem de colaborar com a biblioteca?

Sim. Depois é preciso compreender que embora haja um responsável

que gere, faz a coleção, cataloga, pensa atividades com parceiros exteriores, cria argamassa entre os professores, etc., há uma relação direta entre os professores e as aprendizagens curriculares e metacurriculares que só um professor concreto consegue fazer com os seus alunos. Pelo menos, mesmo que na biblioteca aconteçam,

**Para as Bibliotecas
Escolares hoje
é preciso muito
menos dinheiro do
que ontem.
É objetivo.**

é necessário que aconteçam outras e que se treinem. Se o professor curricular se demite ou não incorpora isso na sua função, alguma coisa vai mal no reino da Dinamarca.

Desde 2011, 2012, nota-se uma desmotivação crescente dos professores.

Não noto. Não tenho disso nas minhas bibliotecas. Vamos por partes. Acho que há uma dificuldade dos momentos de crise. Não é logo que se transforma crise em oportunidade. E isso é tão mais difícil quanto mais a crise afeta a forma pessoal de vida. Nomeadamente, a classe de que estamos a falar, a classe média média, tem sido muitíssimo violentada. Isso traz muitas contradições subjetivas e muita luta objetiva: as pessoas desta classe que são aquelas que compram livros, que saem, vão ao cinema, a espetáculos, que têm mais solicitações ditas culturais cortam nessas solicitações porque não têm dinheiro. Porque há uma pauperização desta classe que arrasta com ela um afastamento dos bens do espírito, não que as pessoas queiram, mas porque não há dinheiro.

Isso é válido para a desmotivação dos professores?

Bem, a nossa experiência tem sido muito dura a mobilizar professores. Nós mobilizamos mais facilmente os miúdos, não escondemos isto a ninguém, do que os professores. Variando de escola para escola, claro está. Tem muito a ver com o professor bibliotecá-

rio, lidar com isto. A montanha vai a Maomé, Maomé vai à montanha. Não é fácil, são muitas forças: as direções das escolas, as questões sociais das famílias.

Estamos habituados a não ter a massa dos professores a trabalhar connosco, a saber que isso é uma conquista petit à petit. Como não é um terreno de massas nós não temos essa sensação generalizada.

**o professor não
leu nenhum
livro do PNL, não
cumpriu a sua
função. É um mau
professor, ponto.**

Agora isso quer dizer que não sabemos que há desmotivação nas escolas? Não. E dou-lhe exemplos: concursos, candidaturas. São o outro lado da moeda. Diminui. Nós temos parcerias com várias instituições. Alguém nos propõe uma coisa. E dizemos: «Atenção! Não sabemos se vamos ter assim tanta adesão das escolas.» As escolas estão saturadas, desmotivadas, há muitos concursos... E aqui há um problema objetivo de tempo: se os professores têm menos tempo para

tarefas que não são tout court curriculares, se antes eram dois para uma disciplina de cidadania, ou de estudo acompanhado, se agora deixamos de ter isso, se as turmas eram mais pequenas e agora são maiores, se, se, se... Mesmo que se tome uma pastilha de motivação, não se tem tempo, ponto!

Mas isso pode destruir, em muito pouco tempo, coisas que levaram muito tempo a ser construídas, ou não?

Poder pode, mas nós não deixamos. A vantagem de ler é axio-

mática, nem discuto isso. Faço tudo para conquistar os que são conquistáveis, para demonstrar que há um mais na biblioteca e um mais em tudo que vem associado à leitura.

E os cortes orçamentais, também podem deitar abaixo o edifício?

Claro. Há coisas que não se fazem sem dinheiro. No caso das Bibliotecas Escolares, convém dizer que tivemos orçamento em 2013 e 2014. Se queria mais dinheiro? É claro que queria. Mas não vamos armar-nos em prima donas, falamos de crise, falamos de famílias descapitalizadas, falamos de acautelar alguns bens ditos de primeira necessidade, e portanto temos de ser cautelosos. Ser cautelosos significa, desde logo, que os bens do espírito são de primeira necessidade e portanto não podemos levar isso ao ponto de que agora temos a saúde e a educação e chega. Não podemos, porque senão colocamo-nos ao nível animalesco. Há que lutar para que se reconheça em todos os setores que os bens do espírito, da cultura, das artes, das letras e das ciências são de primeira necessidade. Se perdemos isso como o nosso norte está tudo estragado e por isso devemos lutar junto de quem governa e de quem determina o dinheiro. Mas claro, com a consciência e o bom senso que algumas coisas aconselham. Por exemplo, no caso das Bibliotecas Escolares: hoje é preciso muito menos dinheiro do que ontem. É objetivo.

***gosto de trabalhar
com quem é bom,
que é uma forma
de eu ser melhor.***

Já têm equipamentos, fundos documentais...

2400 bibliotecas correspondem ao universo de alunos tocados por serviços de biblioteca. Quando não há uma biblioteca, há um serviço. Todas as escolas EB 2, 3 e Secundárias têm bibliotecas. Temos o quê para fazer? Bibliotecas em escolas do primeiro ciclo de grande dimensão, por causa dos centros escolares e das fusões. Há escolas do primeiro ciclo que ainda não têm biblioteca. Mas abriu uma candidatura em dezembro, portanto o projeto continua. Pode haver momentos de alguma secura. Pode haver anos zero. Pode ha-

ver anos em que não é possível crescer. Tenho 30 anos de políticas de leitura e já tive anos zero. Já propus eu própria aos governantes anos zero em dinheiro para avançar no equipamento sempre em nome de manter os recursos humanos. Há momentos em que não se pode crescer. A prioridade é consolidar o que se tem.

O problema é quando não se consegue sequer manter.

Há que ter muita consciência de que se se ultrapassar uma fronteira, estraga-se demais. Fazem-se estragos que demoram muito a reconstruir. Imagine uma biblioteca que está habituada a ter um conjunto de assinaturas, mesmo nas Públicas, e agora não se tem dinheiro e interrompe-se as assinaturas. É terrível. Pela vantagem do periódico que é uma leitura de *passerelle*, passa-se de uma literatura a outra. É condição para ter leitores. Isso é muito grave. E

os recursos humanos. Por exemplo, no mais rudimentar dos casos, havendo recursos humanos, pode-se tentar resolver a situação, falar com a escola, ela assina um, eu outro.

Vivemos hoje um ensino de massas, não só no que respeita aos alunos como aos professores. Isso condiciona a abordagem da leitura?

Não se pode criticar isso. A nossa missão é conquistar público. O que interessa é que os professores, sendo ou não leitores, se comportem como se fossem. Têm essa obrigação.

É possível comportarem-se como leitores não o sendo?

Aprendem. Têm de aprender. Se me pergunta se eu quero o outro, eu quero o outro. Mas isso não pode ser desculpa institucional. O que quero saber é quantos livros leu com os seus alunos. Não me interessa nada se ele é leitor. Ou melhor, interessava-me para alguns projetos, vou escolhê-lo por isso. Mas assim, em geral.

Tens estes livros para ler, o Plano Nacional de Leitura quer que se leia todos os dias uma hora, meia hora, dez minutos. As metas obrigam a fazer leituras, concordes, não concordes. Há objetivos para cumprir. Cumpriu, não cumpriu? Não leu nenhum livro do PNL, não cumpriu a sua função de professor. É um mau professor, ponto.

Mas e se ler mal?

Aí põe-se em causa o ensino de massas. Não se pode imaginar que se tem em cada professor um bom leitor. Não é preciso. Agora há técnicas muito simples. Não sei fazer, vou aos sites que existem. Em português, existem no Plano Nacional de Leitura, existem no

Voluntariado de Leitura, existem mil sites estrangeiros que dão essa papinha toda, não faz é incompetente, ponto.

Depois ainda há parcerias para fazer. Podem ir à biblioteca pública, podem chamar uma mãe de um aluno. Claro que quando se tem um excesso da componente letiva, turmas muito pesadas e a pressão da ideia de instrução que descapitaliza ou desvaloriza o valor da educação e do currículo oculto, é claro que crescem problemas. Porque, evidentemente, as crianças numa escola de massas têm um currículo oculto muito diferenciado, e ou a escola lhes dá o currículo

oculto que elas não trazem ou a escola não presta. E para lhes dar o currículo oculto que elas não trazem é preciso outro tempo que não seja estritamente o tempo da instrução igual ao programa. Há muito currículo oculto que faz de alguns bons alunos em português ou matemática e que tem de ser dado para todos porque senão há sem-

**Basta que mudem
os recursos
humanos para que
uma biblioteca
muito boa passar a
ser menos boa ou
mesmo muito má.**

pre uns que... todos diferentes, todos iguais. Não são iguais, são diferentes, não se chega a ser igual. Isso é que não pode ser.

Qual foi a utopia fundadora do trabalho que desenvolveu?

Fazer leitores. Ou melhor, acreditar que é tão menor, tão pouco passar a vida sem perceber o valor da leitura que isso se constitui como uma utopia. Às vezes com algumas distopias, neste percurso, claro.

É uma privilegiada?

Absolutamente. Sou um bocadinho formiga, mas não sou daquelas pessoas muito trabalhadoras, não sou uma *workaholic*. Sou diletante, distraio-me com a vida, gosto de jardins...

Portanto a leitura está no sítio certo?

Exatamente. Agora, para fazer essa utopia tenho de trabalhar, isso sei. E valorizo quem trabalha. E sei juntar as minhas forças aos outros. E gosto de trabalhar com quem é bom, que é uma forma de eu ser melhor. Então isso tudo junto tem tornado a utopia com mais conteúdo. A cada passo que alcança a utopia continua porque é sempre difícil, mas dá-lhe a ilusão de que participou nela e teve conquistas. Descobre-se sempre um valor acrescentado em alguém, ou você própria se torna melhor leitor por força da convivência com outro leitor.

E há um momento em que nos tornamos melhores pessoas...

Não se pode ficar numa excelente biblioteca do século XX, temos de ter uma boa biblioteca do século XXI.

Ah, isso certamente. Aliás, não tenho nenhuma ilusão sobre um duplo aspeto. Isso fez de mim o que sou, e em muitos casos fez de mim boa, melhor do que pensaria. Pelos livros em si e pelo que sempre resta, que são as palavras. Amo as palavras. Elas têm para mim uma verdade que as ultrapassa. No fim de tudo talvez essa seja a utopia máxima, como a distopia máxima seja a destruição da palavra. Às vezes, quando se pergunta se os livros continuam, aquilo que me apavora é se as palavras desaparecem.

Mas não tenho a ilusão de que ser leitor, ser culto, seja igual a ser bom, ser eticamente respeitável, vide as barbaridades que os cultos fazem ao mundo.

Como gostava que estivesse a leitura pública daqui a 30 anos?

Da mesma maneira que tenho a ideia de que é melhor ler do que não ler, isso mantém-se para daqui a trinta anos, nas formas que a leitura e os livros vierem a adquirir.

O desejo é que qualquer que ela seja, ela corresponda sempre a maior liberdade. Que a capacidade das bibliotecas, da leitura pública e da leitura em geral seja a de dar aos homens a consciência da sua própria liberdade. Depois cada um faz aquilo de que é capaz. Viver num mundo sem liberdade é que não.

Teresa Calçada



Dicionário de Literatura Infantil e Juvenil

Barba Azul. Encarnação do mal no seu estado mais genuíno, Barba Azul é um psicopata puro, um Hannibal Lecter que sabe como a carne é fraca, mas o molho é muito bom. As mulheres que ousaram prová-lo, acabaram a servir de papel de parede... Bruno Bettelheim, um duplo «B» que também ficaria aqui a matar, vê-o como «o mais detestável e monstruoso de todos os maridos dos contos de fadas», acrescentando que este é «um conto sobre os aspetos destrutivos do sexo». Hum. Temos dúvidas quanto a esta dedução, mas deem uma *gillette* a Barba Azul e ele mostrará quem é. A estranha barba representa não só a virilidade como a sua perversão. O exotismo paga-se caro. Antes de ver «tudo azul», qualquer mulher esperta deve fazer um sprint e sair já deste conto de fadas.

Carla Maia de Almeida
Jornalista e escritora



Barafunda. Essencial para encontrar coisas novas. Os autores costumam desarrumar as ideias, misturá-las, como se faz com as tintas e a plasticina e os estufados, até encontrarem no meio da confusão uma barafunda que esteja arrumada de uma maneira que ainda ninguém se tenha lembrado. Porque uma barafunda é apenas uma arrumação disfarçada, e aos autores cabe-lhes exhibir essa organização latente que ela teima em fingir que não tem. E pode-se juntar tudo com tudo, basta baralhar. Por exemplo: crocodilos com cauda de palavras difíceis e sapatos com sola de flores (que até são os melhores para andar no campo).

Afonso Cruz
Escritor e Ilustrador

O ÚLTIMO CONTO

RODOLFO CASTRO
ENRIQUE TORRALBA
GATAFUNHO

Não é difícil, ao ler este conto, imaginá-lo como parte integrante do património oral. Tão pouco será inusitado intuir a voz e o corpo de Rodolfo Castro a narrá-lo. Contudo, em nada o ato de ler silenciosamente, numa atitude individual como em geral a leitura implica, prejudica o texto. Em contraponto, a ilustração e o próprio objeto livro enriquecem a narrativa, configurando-a num sentido próprio de fragilidade. A ausência de lombada, a ilustração sem moldura que preenche toda a capa nos seus tons soturnos e o olho como elemento central, assim como a própria dimensão do livro, pouco maior do que um A5, tudo se conjuga numa desvalorização triste, numa espécie de um desaparecimento em devir. E tudo se confirma no texto.

Podemos considerar que este é um conto sobre o ato de contar, e sobre essa condição falaciosa da palavra que se pressente eterna e nada mais é que fugaz. E, em simultâneo, sobre o mistério que preside ao conto, que lhe dá vida própria e não nos deixa, a nós que o ouvimos, ganhar a sua posse, dominá-lo. Não se trata de uma metáfora linear que corresponda apenas à interpretação, à decifração, e muito mais uma imanência metonímica, que obrigue ao segredo, ao pensamento, à mudança interior. Só assim se justifica que Jacinto tenha desaparecido à vista de todos, depois do seu último conto, sem que



tal acontecimento tenha sido desvendado. Pelo contrário, foi esquecido.

Esta não é uma história absolutamente original no tema, mas é justo que não seja. O património oral constrói-se de ouvir contar, de preservar e modificar. Acrescentar um ponto, um tom, ou desviá-lo, obriga ao rigor, à coerência, tanto quanto a amplificar esse mesmo património cosmogónico, mitológico, moral, social e histórico.

Quando Enrique Torralba nos apresenta um bairro urbano, eventualmente suburbano, possivelmente sul-americano, ou de qualquer outra geografia, surpreende-nos que não seja um cenário asséptico a acolher uma narrativa que poderia ser universal e intemporal. Não se trata de um cenário. E sim de um espaço vivo, que congrega uma fisicalidade dura e degradada, sem que ali se destaque um elemento de harmonia natural ou artística, com elementos de cariz surrealista, como o livro que serve de teto a um prédio, ou a parte traseira de um avião que parece ter sido abandonado por cima de outro edifício, ainda a nave que paira no céu... As torres gémeas ao fundo recordam e antecipam nova tragédia, os corpos de pescoços disformes dentro de carros também disformes desumanizam as pessoas, os bichos com longas caudas ou corpos redondos podem remeter para o universo mecânico

e por vezes fantasmagórico de Shaun Tan. A universalidade não acontece em ambiente estéril e sim num vórtice de destruição, onde todavia as personagens vivem com naturalidade. A narrativa alimenta-se de mistério, de suspensão e de simplicidade. Num bairro havia um contador que contava histórias debaixo de uma árvore, a partir do ínfimo pormenor da vida. Jacinto era o seu nome e as suas histórias tão mágicas que levavam a que todos parassem para as ouvir. Pessoas, casas, postes de eletricidade, todos se curvam na direção da sua voz. Um dia, Jacinto conta pela última vez, inesperadamente, e desaparece por uma porta invisível. E uma tragédia parece abater-se sobre aquele lugar. Mas como sempre, há alguém que irá descobrir a mesma magia da arte de contar, o mesmo segredo sussurrado, inexplicável. É uma menina, que a ilustração já acompanha desde o início, quando também ela ouvia o contador. O tempo recicla-se, numa espécie de eterno retorno, que lhe devolve uma esperança de infinitude, apesar dessa rudeza das ruas e dos vestígios dos aviões. A poética do texto reforça a sua própria temática e os seus vazios enchem-se com a narrativa pictórica. O álbum torna-se numa unidade de sentido com uma vida própria para além da mera descodificação.



BOLONHA

CATARINA SOBRAL NA EXPOSIÇÃO DE ILUSTRAÇÃO DE BOLONHA

Catarina Sobral foi selecionada para integrar a exposição de ilustração da Feira do Livro Infantil de Bolonha. As cinco ilustrações originais que mereceram o aval do júri integram o álbum *O Meu Avô*, uma novidade editorial da Orfeu Negro. A ilustradora será a única representante portuguesa nesta mostra que anualmente pretende divulgar as tendências mais inovadoras da ilustração para a infância.

Notas de Rodapé

**NEWBERRY
E CALDECOTT**

KATE DI CAMILO VOLTA A GANHAR

Kate diCamilo voltou a merecer o Newbery Medal pelo livro *Flora and Ulysses, the Illuminated Adventures*, uma narrativa plena de humor em que uma menina faz amizade com um esquilo super herói. A autora tinha vencido este mesmo galardão em 2004 com *a lenda de Desperaux*. O Caldecott Medal homenageou a ilustração de *Locomotive*, de Brian Zona, um álbum que descreve uma viagem de comboio de uma família nos primórdios do engenho, recuperando detalhes de funcionamento e características da máquina, a par das da viagem. Para além destes, outros prémios foram atribuídos pela ALA no seu encontro anual. Os galardões têm marcado a história da literatura e da ilustração infantil e juvenil como barómetros de qualidade.

Flora and Ulysses



LEITURA

LECTYO, UMA REDE SOCIAL DEDICADA À LEITURA

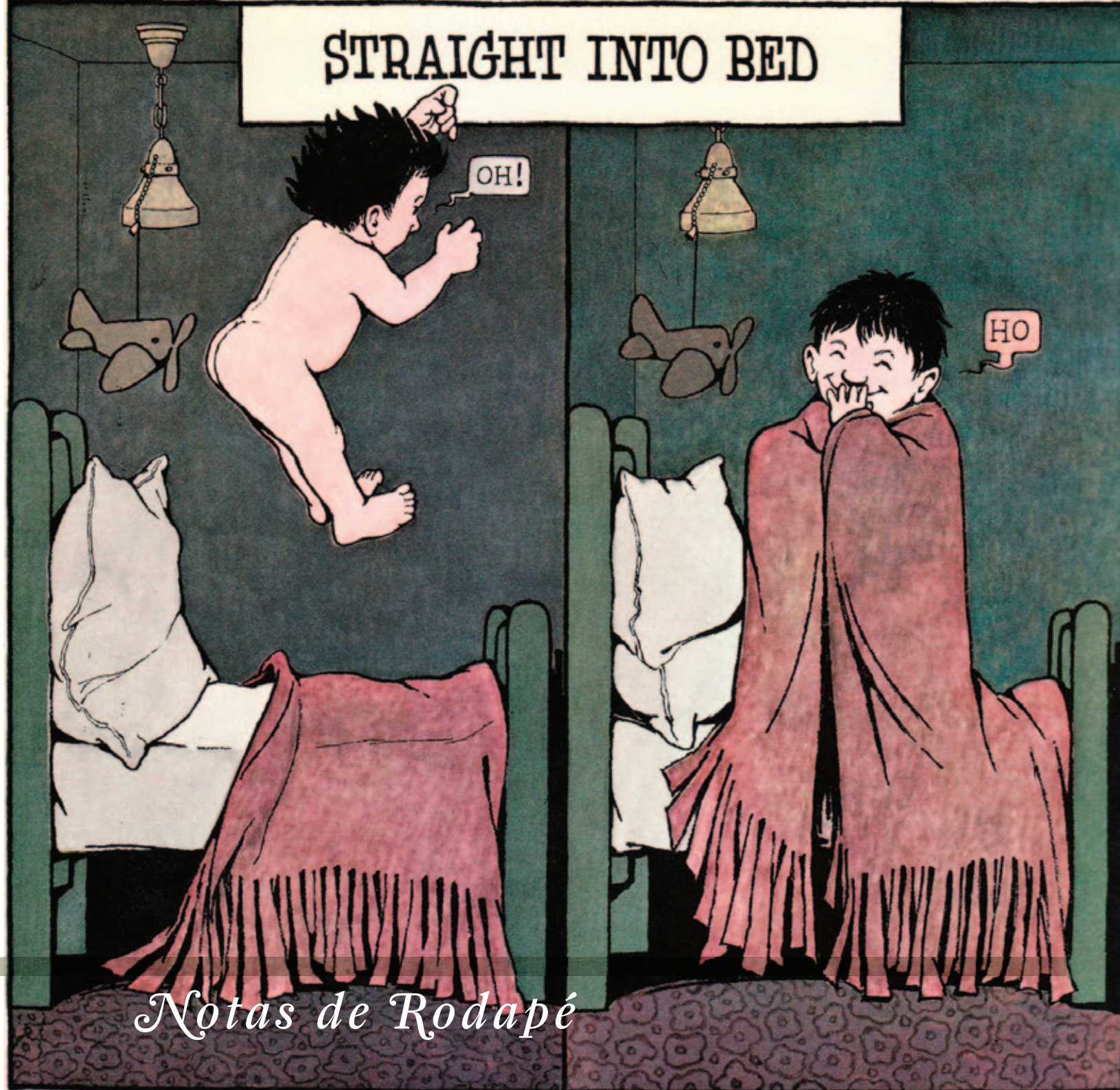
Foi criada pela Fundação Germán Sánchez Ruipérez uma plataforma digital que visa reunir ideias e informações sobre leitura. A Lectyo, com funciona como rede social, onde todos os interessados se podem inscrever e registar em posts informações, dúvidas, links e ideias sobre a leitura nas mais diversas áreas de interesse. Neste momento acolhe profissionais de bibliotecas, editoras e livrarias, assim como professores, ilustradores e mediadores de países iberoamericanos. Para além das páginas de cada um, há ainda espaços de tertúlia, notícias e temas para debate.

**NAS 5 LÍNGUAS
IBÉRICAS**

KALANDRAKA EDITA A OBRA DE MAURICE SENDAK

É uma excelente notícia para os leitores portugueses: a Kalandraka vai editar a obra de Maurice Sendak, um dos mais importantes autores mundiais no que ao livro infantil diz respeito. Em 2014 está previsto o lançamento de dez títulos, entre os quais os dois que completam a trilogia iniciada em 1963 com *Onde Vivem os Monstros*. Carla Maia de Almeida será a tradutora dos textos e as edições respeitarão todos os formatos originais. Para além dos álbuns escritos e ilustrados pelo autor, a Kalandraka, que editará a obra nas cinco línguas ibéricas (português, castelhano, basco, catalão e galego), também aposta em livros em que Sendak assina apenas a ilustração. O primeiro título já tem tradução portuguesa, *A Cozinha da Noite*, e sairá em março.

A Cozinha da Noite



Notas de Rodapé



ensaio

**Eula
Carvalho
Pinheiro**

sobre a

saramaguiana

cegueira

**outra maneira de ver
e ler a cidade**

*Mas estamos realmente cegos. Cegos da razão, da sensibilidade, de tudo aquilo que faz de nós, não um ser razoavelmente funcional no sentido da razão humana, mas ao contrário, um ser agressivo, egoísta, um ser irracional. E o espetáculo que o mundo nos mostra é precisamente este. Um mundo de desigualdades, um mundo de sofrimento sem justificação.*¹

José Saramago



há dez mil anos (aproximadamente), o homem constatou que se jogasse sementes à terra poderia multiplicar a quantidade de alimento, e, assim, aumentar as chances de sobrevivência. Acontecia, pois, a primeira grande transformação: a Revolução Agrícola, na qual o instrumento de produção era a ferramenta – movida pelo braço do homem – e a terra o bem mais precioso. Nesse período – entre 8000 a.C. e 6500 a.C. – registra-se o surgimento da cidade: entre as primeiras estão Çatalhöyük na Anatólia, atual Turquia; Mehrgarth, Paquistão, Sul, um dos assentamentos agrários mais antigos da Ásia; Jericó, a primeira cidade cercada por fosso e muro, na Palestina.

Muitos milênios depois disso, pouco antes de 1800 d.C., surge uma nova ruptura no processo de produção: o surgimento da máquina movida por força não-humana. Esse momento foi denominado de Revolução Industrial. Lembremos, por exemplo, da invenção do trem – século XIX – e das transformações daí decorridas: o homem tem a possibilidade de conhecer mais rapidamente outros lugares viajando por terra; a Europa se faz conhecida; pintores descobrem o sol do Mediterrâneo; o homem sai de casa para trabalhar. O capital é o elemento fundamental

nesse contexto. Enfim, há massiva urbanização e ascensão de novas grandes cidades (primeiramente na Europa). Isso, necessariamente, se faz representar na literatura com maior ênfase. Renato Cordeiro Gomes afirma:

As relações entre literatura e experiência urbana tornam-se mais contundentes e radicais na modernidade, quando a cidade transformada pela Revolução Industrial se apresenta como um fenômeno novo, dimensionado na metrópole que perde o seu métron. A desmedida do espaço afeta as relações com o humano. Sob o signo do progresso, alteram-se não só o perfil e a ecologia urbanos, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes. Essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só o cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas.²

Dessa segunda revolução para cá, as transformações se intensificaram sobremaneira. Hoje, estamos diante da terceira: a Revolução da Informação, na qual o conhecimento – mais que a terra e o capital – se faz imprescindível, porque as fronteiras do saber e do não-saber são tênues, ou seja, elas estão em constante processo de mudança – um conceito pode ser modificado no dia seguinte. Devemos, então, nos atualizar continuamente a fim de mantermo-nos «conectados» ao mundo: «os tempos mudaram muito ultimamente, há que atualizar os meios e os sistemas, pôr-se a par das novas tecnologias» (*Intermitências da Morte*, p. 137). Já não se faz preciso sair de casa: as imagens chegam em tempo real pela tela da televisão, do computador; e, assim, com semelhante precisão a comunicação se realiza entre as várias regiões do mundo; parece que voltamos a produzir dentro do nosso habitat.

O intelectual contemporâneo, consciente desse processo, lê a cidade e a materializa em linguagem: cinematográfica, pictórica, musical, discursiva. Essa representação reflete, necessariamente, esse novo mundo: um só mundo com inúmeras particularidades. Nesse sentido, a Literatura, em particular a escrita de José Saramago nos romances *Ensaio sobre a Cegueira*, *Intermitências da Morte*, *A Caverna*, *Ensaio sobre a Lucidez*, materializa em linguagem a cidade: não mais identificando, em geral, pessoas e lugares, mas constrói textos nos quais pessoas e lugares são um e todos ao mesmo tempo, ou seja, a não-nomeação, o anonimato; significa dizer que uma determinada situação pode estar ou acontecer em qualquer parte. Renato Cordeiro Gomes afirma essa tendência no título *Todas as Cidades, a Cidade: literatura e experiência urbana*, obra de 1994; e ratifica essa postura quando afirma:

Percebe-se hoje, que a cidade para ser cenário da narrativa não necessita de presença encorpada. Sua ausência deixa, entretanto, todas as suas marcas: a violência, a solidão, a ausência de valores morais, a exacerbação do sexo, nenhum traço de humanismo, a perda da philia, a cidade compartilhada; enfim, são corroídos os traços que poderiam identificar uma identidade forte, traços que se tornam débeis, rarefeitos. E, essa cidade é toda e qualquer, não há mais necessidade de descrição de um cenário que localize identidades.

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, «A mulher do médico disse ao marido, O mundo está todo aqui dentro» (ESC, 102). O manicômio, assim, como um microcosmo, representa o que acontece ou que pode acontecer em qualquer parte. Nesse lugar estão inseridos, além das pessoas portadoras do «mal-branco», a indiferença, o isolamento, impostos pelas autoridades:

O médico disse, As ordens que acabamos de ouvir não deixam dúvidas, estamos isolados, mais isolados do que provavelmente já alguém esteve, e sem esperança de que possamos sair daqui antes que se descubra o remédio para a doença. ESC, 51

O médico disse, Todos ouvimos as ordens, aconteça o que acontecer, uma coisa sabemos, ninguém vos virá ajudar, por isso seria conveniente que nos começássemos a organizar já, porque não vai tardar muito que esta camarata esteja cheia de gente, esta e as outras [...] ESC, 52

Além disso, o fato de as personagens não possuírem nomes próprios também corrobora a ideia de que uma pessoa pode ser qualquer pessoa: «os nomes, que importa os nomes» (ESC, 65); «Um, fez uma pausa, parecia que ia dizer o nome, mas o que disse foi, Sou polícia, e a mulher do médico pensou, Não disse como se chama, também saberá que aqui não tem importância.» (ESC, 66). A personagem mais destacada do romance sempre será nomeada de «a mulher do médico». Uma vez mais, a mulher se destaca na narrativa saramaguiana, confirmando o que ficara registrado no romance *Memorial do Convento*: «Deus quando quer não precisa de homens, mas de mulheres ele não pode dispensar-se nunca.»

Os outros cegos chegaram juntos. Tinham-nos apanhado nas suas casas, um após o outro, o do automóvel, primeiro de todos, o ladrão que o roubou, a rapariga dos óculos escuros, o garotinho estrábico, este não, a este foram-no buscar no hospital onde a mãe o levou. A mãe não vinha com ele, não tivera a astúcia da mulher do médico, declarar que estava cega sem o estar, é uma criatura simples, incapaz de mentir, mesmo para seu bem. ESC, 48 – Grifos nossos

*Também não surpreenderá que busquem todos estar juntos o mais possível, há por aqui mais afinidades, umas que já são conhecidas, outras que agora mesmo se revelarão, por exemplo, **o ajudante da farmácia** foi quem vendeu o colírio à **rapariga dos olhos escuros**, no táxi do motorista foi **o primeiro cego** ao médico, este que disse ser polícia encontrou **o ladrão cego** a chorar como uma criança perdida e quanto à **criada do hotel**, foi ela a primeira pessoa a entrar no quarto quando **a rapariga dos óculos escuros** desatou aos gritos.*

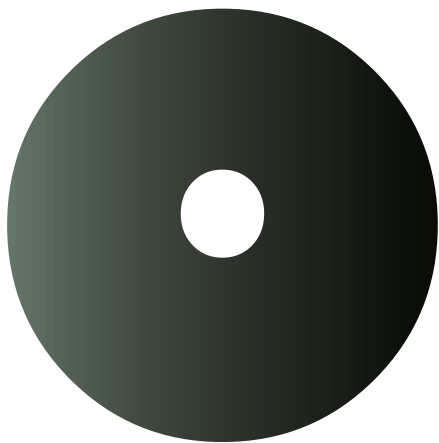
ESC, 67 – Grifos nossos

«A mulher do médico» será, no interior do manicômio, os «olhos», e depois de lá saírem também, pois será ela quem conduzirá pela cidade as pessoas atingidas pelo «mal-branco» (quando este mal já tiver atingido a totalidade de uma determinada população por contágio) que dela estiverem próximas:

[...] eu sou, unicamente, os olhos que vocês deixaram de ter, Uma espécie de chefe natural, um rei com olhos numa terra de cegos, disse o velho da venda preta, Se assim é, então deixem-se guiar pelos meus olhos enquanto eles durarem, por isso o que proponho é que, em lugar de nos dispersarmos, ela nesta casa, vocês na vossa, tu na tua, continuemos a viver juntos [...] ESC, 245

Durante uma longa caminhada pela cidade – percurso necessário para se chegar à casa do médico e de sua mulher –, «a mulher do médico» vira ruas repletas de lixo, soubera pelo «velho da venda preta» de outras calamidades, mas o que mais a chocou foi o fato de presenciar cães a comerem um homem e, por isso, ao chegarem em casa diz

[...] vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o [...] ESC, 262



romance *Ensaio sobre a Cegueira* do título às páginas que o compõem está permeado por palavras do campo semântico do OLHAR; a própria epígrafe – ficcionalmente criada – «Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.» traz essa evidência. Nesse sentido, não bastam os olhos para ver, se não houver sensibilidade capaz de identificar o que está escrito nas ruas: «na verdade os olhos não são mais do que umas lentes, umas objectivas, o cérebro é que realmente vê» (ESC, 70). Em *As Cidades Invisíveis* de Ítalo

Calvino essa postura também está registrada

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso e, enquanto você acredita estar visitando Tâmara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.

A dicotomia olhar – ver perpassa toda a narrativa; chegando, inclusive, a deixar evidente que na falta da capacidade de ver outros sentidos substituem a visão; a audição é um dos exemplos possíveis. Os ruídos da cidade são reconhecidos, identificados, mesmo que não se esteja vendo; são, pois, familiares, fazem parte do dia-a-dia de seus habitantes.

Por experiência, o cego sabia que a escada só estaria iluminada enquanto se ouvisse o mecanismo do contador automático, por isso ia premindo o disparador de cada vez que se fazia silêncio. A luz, esta luz, para ele, tornara-se em ruído. [...] Um carro parou na rua, até que enfim, pensou, mas acto contínuo estranhou o barulho do motor, Isto é diesel, isto é um táxi, disse e carregou uma vez mais o botão da luz. ESC, 20

De igual forma existe a dicotomia claro – escuro; luz – sombra; haja vista a própria condição imposta pelo “mal-branco” como ficara conhecida esse tipo de cegueira: no lugar da treva o branco absoluto.

[...] esta cegueira é branca, precisamente o contrário da amaurose, que é treva total, a não ser que exista por aí uma amaurose branca, uma treva branca [...] ESC, 28

As horas foram passando, um após outro os cegos adormeceram. Alguns tinham tapado a cabeça com a manta, como se desejassem que a escuridão, pudessem apagar definitivamente os sóis embaciados em que os seus olhos se haviam tornado. As três lâmpadas, suspensas do tecto alto, fora do alcance, derramavam sobre os catres uma luz suja, amarelada, que nem era capaz de produzir sombras. ESC, 76

Por outro lado, metáforas como «luzes escassas» são encontradas no sentido de pouco conhecimento como em «o misterioso território da neurocirurgia, acerca do qual não possuía mais do que luzes escassas» (ESC, 29); ou, ainda, «às cegas», ou seja, sem convicção, sem precisão: «Por enquanto não lhe receitarei nada, seria estar a receitar às cegas» (ESC, 24).

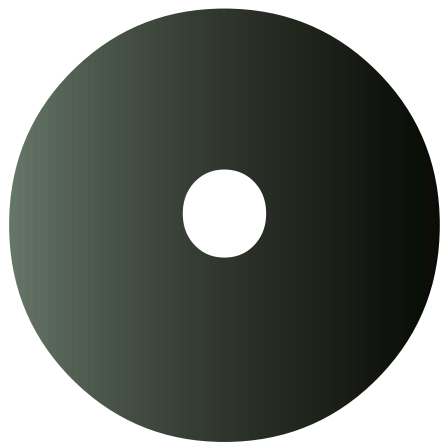
A cidade se destaca em dois momentos, antes da epidemia do «mal-branco» e depois de algum tempo de permanência da cegueira total. Primeiramente descreve-se uma cidade na qual o trânsito se fazia confuso e uma provável poluição visual provocada pelos anúncios luminosos era também registrada:

[...] os passeios estavam todos ocupados por automóveis, não encontraram espaço para arrumar o carro, por isso foram obrigados a procurar sítio numa das ruas transversais [...] ESC, 13

Fizera-se noite quando saiu do consultório. Não tirou os óculos, a iluminação das ruas incomodava-a, em particular a dos anúncios. ESC, 31

Depois de algum tempo, devido ao «mal-branco», tudo isso se agrava: «Os transportes estão um caos, respondeu o velho da venda preta, e passou aos pormenores, aos casos e aos acidentes» (ESC, 126); a cidade chega ao ápice do caos: pára.

[...] daí em diante não se ouviu mais um ruído de motor, nenhuma roda, grande ou pequena, rápida ou lenta, voltou a pôr-se em movimento. Aquelas pessoas que antes costumavam queixar-se das dificuldades cada vez maiores do trânsito, peões que à primeira vista pareciam não levar rumo certo porque os automóveis, parados ou andando, constantemente lhes cortavam o caminho, condutores que, depois de terem dado mil e três voltas até conseguirem descobrir um local onde arrumar enfim o carro, se tornavam em peões e passavam a protestar pelas mesmas razões deles depois de terem andado a reclamar pelas suas [...] ESC, 127



caos em que a cidade acaba por encontrar-se agrava-se ainda mais; são ruas repletas de lixo, de mau cheiro, de pessoas a vagar sem direção, indefesas, chega-se, por fim, ao fundo de uma situação de degradação e humilhação.

No entanto, os sobreviventes dessa epidemia têm a oportunidade de voltarem a ver, pois a cegueira, segundo a narrativa, é reflexo do medo: «o medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos» (ESC, 131). O medo, então, parece acabar pois

Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma, A alma, perguntou o velho da venda preta, Ou o espírito, o nome pouco importa, foi então que, surpreendentemente, se

tivermos em conta que se trata de pessoa que não passou por estudos adiantados, a rapariga dos óculos escuros disse, Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos. ESC, 262

No final do romance, as pessoas voltam a ver. Contudo o médico apresenta sua visão dessa situação vivida: «Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem» (ESC, 310).

Aí está, uma vez mais, uma cidade que pode ser qualquer cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. 2.^a ed. Trad. Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOCUMENTÁRIO *Janela da Alma* de João Jardim e Walter Carvalho, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias Urbanas: representações da cidade na Literatura. In. SEMEAR (Edição eletrônica).

WWW.letas.puc-rio.br — Acesso em 14 de janeiro de 2008.

SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

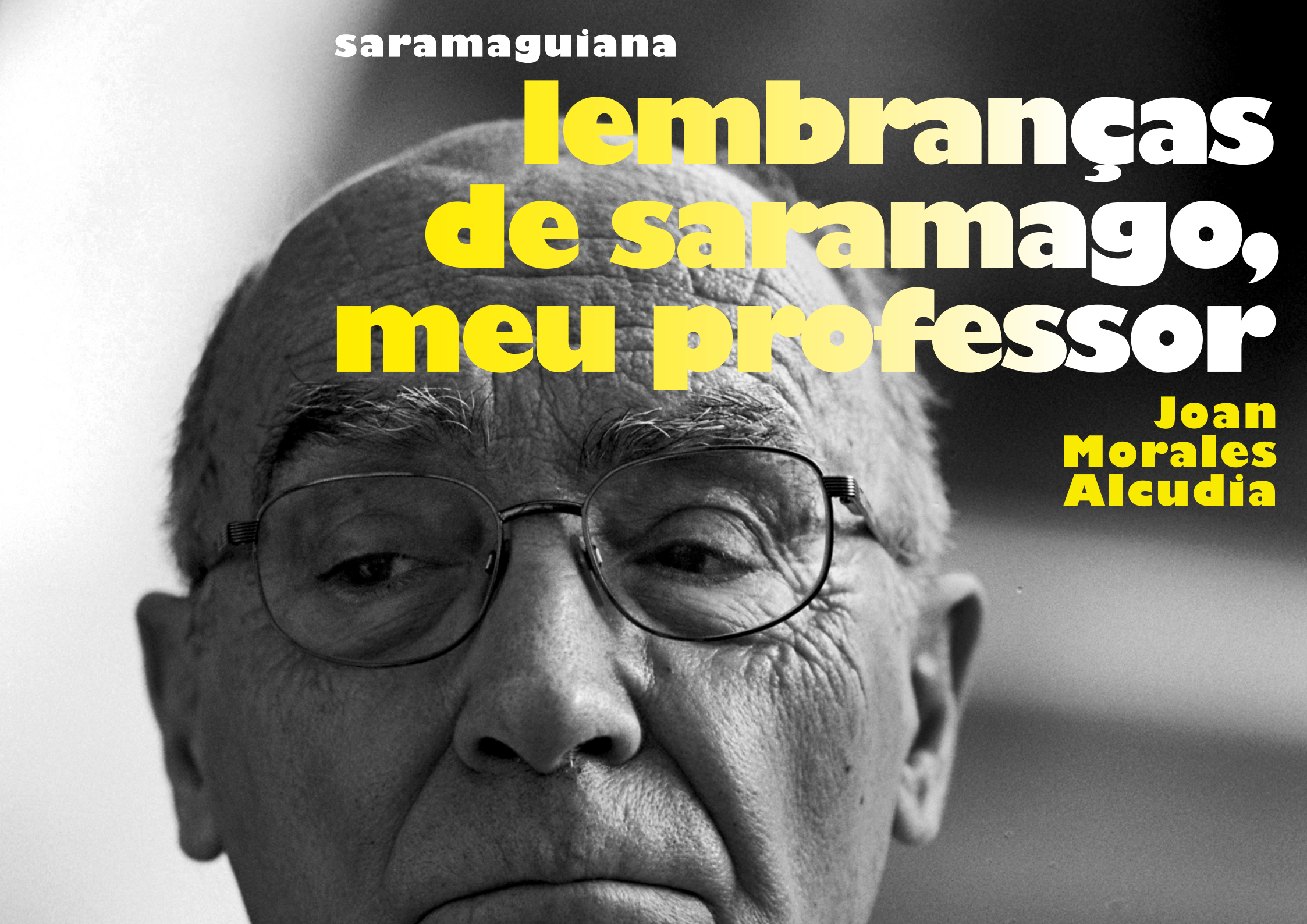
SARAMAGO, José. *As Intermittências da Morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NOTAS

1. Depoimento presente no documentário *Janela da Alma* de João Jardim e Walter Carvalho, 1999.

2. GOMES, Renato Cordeiro. Cartografias Urbanas: representações da cidade na Literatura.

3. *Idem. Idem.* p. 3

A black and white close-up portrait of an elderly man with glasses, looking directly at the camera. The image is the background for the text.

saramaguiana

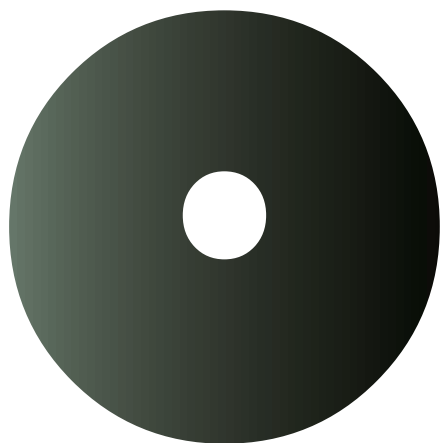
lembranças de saramago, meu professor

**Joan
Morales
Alcudia**

No verão do ano 2000, José Saramago orientou na Universidade Menéndez Pelayo de Santander, Espanha, um curso de literatura. Foram quatro dias de encontros, em que o escritor conversou com cerca de 170 alunos sobre a sua obra e o seu ofício. O catalão Joan Morales Alcudia foi um dos presentes. Treze anos depois, o professor espanhol decidiu compartilhar aquela experiência com os demais leitores e admiradores de Saramago. Escutou com atenção as fitas que guardava em casa e que registavam as palavras do Prémio Nobel de 1998, acrescentou ao material comentários e impressões suas, e publicou o livro Saramago por José Saramago (El Páramo, 2013). Morales escreveu para esta edição da Blimunda um texto em que recupera lembranças daqueles dias com o «professor» Saramago.

Tive a sorte de ser aluno no curso que José Saramago orientou no Palácio da Magdalena da Universidade Menéndez Pelayo de Santander no ano 2000. Éramos por volta de 170 os privilegiados que assistimos àquelas aulas. O título do curso era «José Saramago, os modos e os fins de sua escrita». Nele, José, durante quatro dias, em jornadas de manhã e de tarde, foi-nos desfiando os segredos de cada um dos seus romances. Transcorridos mais de treze anos sobre aquele curso, a memória e as anotações que fiz na época servir-me-ão agora para ativar as recordações de dias inesquecíveis.

Quando penso em Saramago no papel de professor, a primeira coisa que me vem à cabeça é a capacidade didática que tinha. Como conseguia enlaçar um discurso coerente, cheio de matizes, e no qual cabia quase tudo: desde a ironia mais fina até à indignação mais sentida. Um discurso que não precisava de anotação prévia para aparecer em sala de aula com total naturalidade e que, como ele mesmo nos confessou, era construído em torno do facto de «estar pensando em voz alta».



Nobel era capaz de falar horas e horas e fechar o círculo da sua intervenção com a frase com que havia começado o discurso. Jamais vi alguém falar daquela maneira. Era uma sensação agradável, singular: como se estivesse a redescobrir o valor real da linguagem e das palavras. Uma multidão de emoções surgiram naquela sala onde Saramago nos foi debulhando a sua obra. Ideias e emoções que podíamos compartilhar no momento dos debates: *«São doze menos um quarto. Agora vamos às conversas. Vamos*

conversar, já era hora. Eu não sei como orientar isso, mas... Não sei como se organiza isso, mas vamos a organizar-nos, claro, não há um microfone? Não há?»

Debates nos quais houve momentos para tudo: para rebater o fundamento da crença, para tentativas de pedantismo acompanhadas de sinais mal dissimulados de promoção pessoal, para o riso, para a reflexão... Mas, acima de tudo, para a dúvida. Saramago já nos havia alertado a respeito quando afirmou, nem bem iniciado o ateliê, que não sabemos para que nascemos: *«À exceção, está claro, de um príncipe que, se não vem a República, nasceu para Rei, nasceu para ser Rei.»*

No entanto, talvez nasçamos, sim, para dizer o que somos. Para que alguém nos escute. Para ficarmos fugazmente fixados na memória dos homens. Para ser um conto cuja única finalidade seja a de ir passando de geração em geração até desaparecer. Como dizia José em um dos seus escritos: somos contos de contos.

A minha vida no Palácio da Magdalena transcorreu, naqueles dias de verão, entre o diagnóstico certo e uma das mais lúcidas reflexões em torno do estado do mundo que alguma vez ouvi:

O que eu digo quando digo que «o homem não tem remédio», é que o homem não tem remédio na circunstância atual. Como vivemos, o que estamos fazendo com a vida. Não temos remédio porque o remédio ainda não foi encontrado. E eu penso que a única circunstância que poderá levar-nos a encontrar o remédio é o reconhecimento, não direi da totalidade dos seis bilhões mas de uma maioria de pessoas, de que para onde estamos a levar a Terra, o mundo, e a vida, chegaremos ao desastre. Desastre que já se anuncia, que já está por aí, mas que chegaremos ao desastre total.

Um consenso no qual, em palavras do próprio Saramago, os meios de comunicação também têm um papel muito importante a jogar:

Os meios, os meios, o que chamamos de meios... A televisão serve-nos todos os dias o nosso prato sangrento de um, dois, três ou quatro mortos e de tudo isso. E nós lamentamos muito, protestamos inclusive contra essa violência. Ou seja: «este mundo»... Mas aonde quero chegar é que há que se fazer algo mais. Há que fazer algo mais. E volto aos meios, que têm toda a responsabilidade do mundo, porque dão a notícia e ponto, nada mais. Pode ser que comentem em algum editorial que ninguém lerá. Mas uma postura didática, no sentido positivo, mais positivo que tenha dos meios... Os meios não têm de simplesmente dar a informação e deixar que cada um faça dela o que quiser. Têm que ter uma responsabilidade, ou duas: a responsabilidade da opinião, da informação, e a responsabilidade acrescida do dever de ter uma opinião sobre isso. Porque se os meios não dão o exemplo de ter uma opinião, a cidadania não encontra motivo para tê-la. Aprendemos com o que vemos. Aprende-se com o que está a acontecer. A aprendizagem faz-se sempre com o outro. É o outro que nos ensina por aquilo que está a fazer e pelo que sabe, ou pelo que soube. Se os jornais, a televisão, dizem: aqui está a informação, e pronto, a informação não basta. E tampouco quero que um jornal, uma televisão, me deem a opinião que tenho que ter. Não se trata disso. Mas isso não os isenta de ter e de expressar uma opinião. Porque só no confronto de opiniões é que podemos ter uma ideia mais ou menos próxima do que sabemos, de que sabemos em que mundo estamos, e que, mais ou menos, sabemos que vida é esta que levamos.

No meio disso, e enquanto se gerava tal consenso, a maioria dos ali presentes gastávamos o nosso tempo buscando a felicidade:

– Perdão que o interrompa, mas somos uma história de nós mesmos, da pequena infância, das frustrações da vida, que às vezes impedem que cheguemos a ser felizes.

– Às vezes impedem o quê?

– Às vezes impedem que sejamos felizes. Perguntei no ano passado sobre isso, sobre a felicidade...

– Bom, você quer uma vida sem frustrações?

– Não, eu tenho muitas. Tenho muitas frustrações, por isso é que lhe perguntei precisamente sobre a felicidade. Ao senhor, que é um Prémio Nobel. Eu não tenho uma resposta.

– Não, mas veja só... Eu repito o que disse antes, para mim a palavra felicidade é uma palavra vazia de conteúdo. Vazia de conteúdo. O que é isso? Que é isso de felicidade? E quanto tempo dura? E em que circunstâncias? E com quem? E para quê? E como? Sim, quando eu digo que em lugar de felicidade eu prefiro dizer harmonia, harmonia onde o conflito pode estar, é uma harmonia que nasce... Olhe só, vamos ver. Se eu digo que estou mal, que estou mal no mundo onde estou a viver é difícil dizer: mas como é que você, se se sente mal no mundo em que vive, pode falar de harmonia? Eu diria que é outro tipo de relação. Eu vivo em harmonia com a minha ideia de mundo, com uma ideia de humanidade, com uma ideia de consciência que talvez um dia possa realizar-se, ou que talvez não se venha a realizar, porque é um equívoco meu. Mas a felicidade... eu às vezes digo que não resiste a uma dor de dentes. Pois, frustrações... disso a vida está cheia, não?

Também me recordo como a sala se enchia de silêncio, especialmente de cada vez que entrava Deus em cena:

Mas eu creio que a invenção de deus, que é uma invenção humana, é realmente algo verdadeiramente assombroso. É que chegámos a inventar deus! É que não só inventámos a televisão – que é uma espécie de deus, claro: um deus um pouquinho mais pequeno, um pouquinho mais pequeno. Por causa da morte natural, pelo facto de que não podemos viver mais do que o que temos que viver, e que essa vida eterna não é a do corpo. Será outra coisa, ou seria outra coisa. Mas nós somos o corpo. Somos o corpo. Que o corpo seja o habitáculo da alma, bom, tudo bem, de acordo. É-me indiferente. Mas sem o corpo, não chegamos a lugar nenhum. Inclusive, o cérebro, onde está? É material, não é espírito. Porque se levássemos dentro da cabeça um espírito no lugar dessa coisa um pouquinho repugnante que é o cérebro humano, essa coisa cinza, mole, que não sabemos por que funciona, se no lugar disso levássemos um espírito, se a cabeça fosse oca, se fosse oca, mas tivesse dentro um espírito imaterial, porque como espírito que era... Ou seja, pois sim: tudo está muito claro! Não, é tudo química! É tudo química!

Foram dias intensos aqueles em Santander. Dias a partir dos quais a química dos nossos cérebros, provavelmente, não voltou a ser a mesma. Uma química que, no meu caso pessoal, acabou por se transformar em paixão. Nesse sentido, Saramago converteu-se, para mim, além de um referente ético imprescindível, nesse farol tão necessário para sair das trevas que nós, seres humanos, fomos criando ao longo da história. Procuremos na sua obra, e encontraremos os caminhos para abandonar o reino da escuridão. Pessoalmente posso compartilhar o seu pensamento, mas sempre me parecerá insuficiente diante do que José Saramago me ofereceu naquele verão do ano 2000. Muitíssimo obrigado por tudo, Don José.

*Tradução: Ricardo Viel. Os excertos em itálico (não editados) foram vertidos para português respeitando textualmente o original enviado por Joan Morales Alcudia.

Qué buenas estrellas estarán cubriendo los cielos de Lanzarote?

José Saramago, *Cuadernos de Lanzarote*

A Casa José Saramago

Abierto de lunes a sábado de 10,00 a 14,00 h.

Última visita a las 13,30 h.

(Open from monday to saturday, from 10 to 14 h.

Last entrance at 13.30 h.)

Tías-Lanzarote – Islas Canarias (Canary Islands)

www.acasajosesaramago.com



F E V E R E I R O

**20 A 23
FEV**

CORRENTES D'ESCRITAS

Décima quinta edição do festival literário que reúne, na Póvoa de Varzim, escritores de expressão portuguesa, castelhana e outras, oriundos dos espaços ibérico, sul-americano e africano. Hotel Axis Vermar, Póvoa de Varzim.

Correntes ►

Almeida Faria



**27
FEV**

QUINTAS DE LEITURA

Sessão com o geógrafo Álvaro Domingues e o poeta João Habitualmente, para além de outros convidados. Teatro do Campo Alegre, Porto.

Quintas ►



**ATÉ
2 MAR**

BARBA AZUL, UNHA SABOTAXE AMOROSA

A partir do libreto de Bela Bálasz para a ópera de Béla Bartok, Mónica de Nut e Borja Fernández encenam a sua versão do mito de Barba Azul. Zona C, Santiago de Compostela.

Barba Azul ►



**8 MAR
A 12 ABR**

TIM FUREY & LORD MANSTRATE

Exposição de ilustrações e outros trabalhos da dupla composta pelo norte-americano Tim Furey e pelo português Lord Manstrate. Galeria Dama Aflita, Porto.

Dama Aflita ►



**ATÉ
14 MAR**

LA GRAN DUQUESA DE GEROLSTEIN

Opereta em forma de sátira militar e política da autoria de Jacques Offenbach, encenada e musicada pela companhia catalã Bratislava. Teatre Gaudí, Barcelona.

Gerolstein ►



ATÉ 30 MAR PERNAMBUCO EXPERIMENTAL

Panorama da arte experimental desenvolvida em Pernambuco entre 1900 e 1980, décadas férteis para a investigação artística e a experimentação naquele estado brasileiro. Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro.

Pernambuco ►



ATÉ 7 ABR EXPLORA- CIONES

Exposição de trabalhos criados entre Berlim e Madrid pelas ilustradoras Neus Bruguera e Natasha Rosenberg. Galeria Panta Rhei, Madrid.

Exploraciones ►



ATÉ 27 ABR FEBRE. 15 ARTISTAS CONTEM- PORÂNEOS DE MACAU

Exposição coletiva que assinala os 15 anos da transferência da administração do território de Macau de Portugal para a República Popular da China. Museu do Oriente, Lisboa.

Macau ►



ATÉ 28 ABR PARTITURAS MEXICANAS ILUSTRADAS. UN TESORO INAUDITO

Coleção de Carlos Monsiváis que reúne partituras do século XIX, particularizadas pelas ilustrações nas capas, revelando práticas e costumes da sociedade mexicana da época. Museo del Estanquillo, México DF.

Partituras ►



ATÉ 18 MAI JOÃO TABARRA: NARRATIVA INTERIOR

Exposição de trabalhos de João Tabarra realizados ao longo das últimas duas décadas. Centro de Arte Moderna/Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Tabarra ►



Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

